



OFICINA DE PERGUNTA CONSULTORIA E ASSESSORIA  
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO  
2024

# um mundo humano, artificialmente real.

INTELIGÊNCIA HUMANA,  
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.





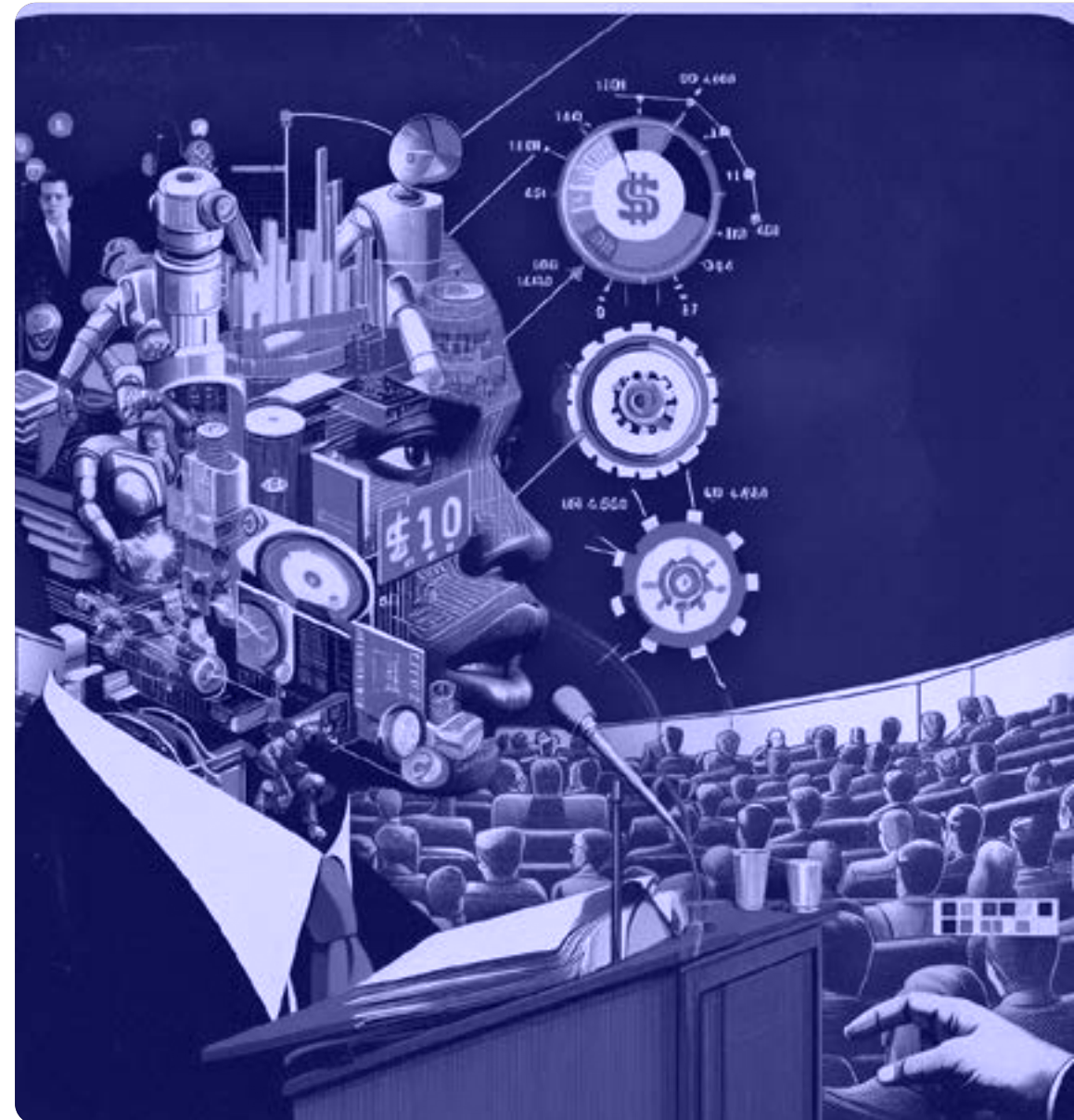
OFICINA DE PERGUNTA CONSULTORIA E ACESSORIA  
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO  
2024

04

MÁRCIO  
**POCHMANN**

ECONOMIA: AUMENTA  
A DISTÂNCIA ENTRE  
CAPITAL E TRABALHO.  
NO MEIO, OS ROBÔS.

**um mundo humano, artificialmente real.**  
INTELIGÊNCIA HUMANA, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.





OFICINA DE PERGUNTA CONSULTORIA E ASSESSORIA  
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO  
2024



# um mundo humano, artificialmente real.

INTELIGÊNCIA HUMANA,  
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.

Ciclo de onze palestras que debatem sobre conhecimento humano e conhecimento artificial (existe?). Reflexões sobre inteligência humana e artificial em áreas como: humanidade e tecnologia; povos originários; mundo e metamundo; economia; amor e ódio, vida e morte, guerra e paz; consciência natural e inconsciência artificial; arquitetura e urbanismo; população, alimentação, fome; comunicação, informação, comportamento; educação, criação e transmissão de conhecimento; leis, legislações, justiça: como separar o real do artificial?

Ciclo idealizado pela professora Terezinha Azerêdo Rios e pelo jornalista Fernando Rios.

## PALESTRAS, PALESTRANTES E MEDIADORES

### **A AVENTURA DO CONHECIMENTO**

Palestrante: Thiago Alixandre

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

### **O CONHECIMENTO DOS POVOS ORIGINÁRIOS.**

Palestrante: Cristine Takuá

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

### **MUNDO E METAMUNDO**

Palestrante: Rodrigo Murta

Palestrante: Dora Kaufman

Mediador: Sérgio Luiz Lugan Rizzon

### **ECONOMIA: AUMENTA A DISTÂNCIA ENTRE CAPITAL E TRABALHO. NO MEIO, OS ROBÔS.**

Palestrante: Marcio Pochmann

Mediador: Leonardo Nelmi Trevisan

### **AMOR E VIDA; ÓDIO E MORTE. VIOLÊNCIA, AGRESSIVIDADE, CRUELDADE.**

Palestrante: Luiz Eduardo Soares

Mediadora: Sanny Silva da Rosa

### **CONSCIÊNCIA NATURAL E INCONSCIÊNCIA ARTIFICIAL? O CORPO NATURAL NUMA MENTE ARTIFICIAL?**

Palestrante: Marília Duque

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

### **ARQUITETURA E URBANISMO.**

#### **CASAS E CIDADES REAIS E DIGITAIS.**

Palestrante: Joice Berth

Moderador: Dal Marcondes

### **POPULAÇÃO, ALIMENTAÇÃO, FOME, SAÚDE. COMIDA NATURAL OU ARTIFICIAL?**

Palestrante: Lucia Helena Oliveira

Moderador: Dal Marcondes

### **COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMPORTAMENTO, ARTE. O CONSUMO E A CRIAÇÃO DE MODELOS DE COMPORTAMENTO.**

Palestrante: Fernanda dos Santos Rodrigues Silva

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

### **EDUCAÇÃO: A ARTIFICIALIDADE DA NATUREZA EDUCATIVA.**

Palestrante: Fernando José de Almeida

Mediadora: Sabrina da Paixão Brésio

### **LEI E JUSTIÇA PARA HUMANOS E ROBÔS. A FAVOR DO TRABALHO OU DO CAPITAL?**

Palestrante: Guilherme Forma Klafke

Mediador: Danilo Cymrot

## O que compõe a inteligência na era da artificialidade tecnológica?

A humanidade vivencia um salto tecnológico sem precedentes. Desde o desenvolvimento industrial, a velocidade com a qual os meios e as técnicas se modificam, criando espacialidades, formas de interação, de produção e reprodução, nos desafia a acompanhar as transformações que ocorrem também nas relações humanas e na produção de conhecimento.

Em face da virtualidade advinda da era digital, que redefine os fenômenos de tempo-espço, fragmenta fronteiras e idiomas, alcança galáxias ao mesmo tempo em que investiga em nível nanoscópico a biosfera, como nos posicionar e compreender as interações entre o que é material e as novas formas de pensar o humano, a partir da interferência desta artificialidade virtual? Mobilizados por estas questões-geradoras, o ciclo *Um mundo humano, artificialmente real* se debruça sobre diversas áreas do conhecimen-

to, como economia, alimentação, arquitetura, antropologia, direito, filosofia, artes, para tatear potenciais respostas sobre o atual fenômeno em que nos vemos inseridos: a chamada inteligência artificial e a sociedade hiperconectada.

Com a proposição dos educadores Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios, o ciclo foi realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc e contou com onze encontros realizados, de outubro a novembro de 2023, na modalidade *online*. No evento, pesquisadores e professores foram mobilizados a pensar as interrelações da inteligência artificial – IA e do desenrolar tecnológico em diferentes campos do saber, assim como seu impacto nos modos de criar e produzir conhecimento. Os encontros articularam temas transversais que conectam as esferas da produção humana no campo das artes, das técnicas, da economia e dos territórios, e as intervenções entre o que é huma-

LUIZ DEOCLECIO  
MASSARO GALINA  
DIRETOR DO SESC SÃO PAULO

no e o que é artificial, tensionando o que podemos compreender como "conhecimento artificial (IA)" e o "conhecimento orgânico (pensamento)". A presente publicação, coerente com o empenho do Sesc em promover a democratização sociocultural, disponibiliza a transcrição das palestras, com a finalidade de ampliar o acesso aos temas debatidos e contribuir com a atualidade da discussão.

Uma boa leitura.



**SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO** ADMINISTRAÇÃO REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL  
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL  
Luiz Deoclécio Massaro Galina

SUPERINTENDENTES  
TÉCNICO-SOCIAL  
Rosana Paulo Cunha  
COMUNICAÇÃO SOCIAL  
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves  
ADMINISTRAÇÃO  
Jackson Andrade de Matos  
ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO  
Marta Raquel Colabone

GERENTES  
GERÊNCIA DE ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO  
Joao Paulo L. Guadanucci  
ARTES GRÁFICAS  
Rogerio Ianelli  
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO  
Andréa de Araújo Nogueira  
EQUIPE SESC  
Maurício Trindade da Silva, Rosana Elisa Catelli, Flávia Rejane Prando, Juliana Silva dos Santos, Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Danilo Cymrot, Sabrina da Paixão Brésio.

**UM MUNDO HUMANO, ARTIFICIALMENTE REAL.  
INTELIGÊNCIA HUMANA, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.**

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL  
Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

COPIDESQUE, EDIÇÃO E NOTAS  
Fernando Rios

REVISÃO  
Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS  
Cristine Takuá  
Dora Kaufman  
Fernanda dos Santos Rodrigues Silva  
Fernando José de Almeida  
Guilherme Forma Klafke  
Joice Berth  
Lucia Helena Oliveira  
Luiz Eduardo Soares  
Marcio Pochmann  
Marília Duque  
Rodrigo Murta  
Thiago Alixandre

MEDIADORES  
Dal Marcondes  
Danilo Cymrot  
Leonardo Nelmi Trevisan  
Sabrina da Paixão Brésio  
Sanny Silva da Rosa  
Sérgio Luiz Lugan Rizzon  
Terezinha Azerêdo Rios



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Almeida, Fernando José de  
Um mundo humano, artificialmente real. Inteligência humana, inteligência artificial.  
[livro eletrônico] : conversas sobre ética 1 / Renato Janine Ribeiro. -- São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2021.  
PDF.  
ISBN 978-65-87592-02-2  
1. Ética (Moral filosófica) 2. Filosofia  
3. Imoralidade 4. Moral I. Título.

22-8486 CDD-1712

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ética : Aspectos morais : Filosofia 1712  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



# Conhecimento e inteligência entre humanos e robôs

**O pensamento parece uma coisa à toa  
Mas como a gente voa quando começa a pensar**  
**LUPICÍNIO RODRIGUES**

**I** Conhecimento e inteligência artificial. Do natural para o artificial. Nos tornamos humanos quando nos afastamos da natureza? A tecnologia está nos fazendo perder completamente nossa naturalidade? Robôs/coisas pensarão por nós? Serão eles os donos da humanidade? E nós, humanos, e nós humanidade, o que seremos?

**II** Um mundo humano é real ou artificial? Sua realidade se manifesta na construção do artificial. A cultura, intervenção na natureza, é construção "feita com arte". Artifício quer dizer 'fazer com arte'. Então todo o mundo humano-cultural é artificial. Temos feito com arte, ciência, técnica, tecnologia. E educação, o principal artifício que move as humanidades.

**III** Transformando e partilhando a cultura, construímos a história, que se faz no presente, no qual se entrecruzam passado, como tradição e memória, e futuro, como projeto. Entretanto, temos abandonado o passado e destruído o presente. Tudo muito rápido. O futuro tem pressa, muita pressa... Ele nos atropela. Nosso engenho e nossa arte transformaram o Pitecantropos erectus em homo sapiens e, por vezes, muitas vezes, em homo demens. De que maneira o progresso tecnológico interfere nisso?

**IV** Aos clássicos fatores de produção – terra, trabalho, capital – junta-se agora um outro: a tecnologia, com suas irmãs xifópagas, ciência e técnica. Aqui está inserida a educação. Então, são quatro os novos fatores de produção: terra, trabalho, capital e educação/tecnologia. Isso altera, sem dúvida, a configuração da organização social.

**APRESENTAÇÃO**  
**FERNANDO RIOS &**  
**TEREZINHA AZERÊDO**  
**RIOS**

**V** Estamos desaprendendo de controlar o tempo que criamos? Se vale a máxima capitalista de que tempo é dinheiro, o que fazemos com um e outro? É mais fácil saber onde está o dinheiro e a quem ele pertence. Onde depositamos o tempo? A quem ele pertence? O que a tecnologia tem a ver com o aspecto de que se reveste o tempo em nosso cotidiano? A tecnologia alterará a relação senhores e escravos; capital e trabalho? Contribuirá para a construção de uma vida boa?

**VI** Quem define o que é uma vida boa? Amar, alimentar-se, trabalhar, ter lazer, ter prazer, descansar. Onde colocamos nossos desejos, que se transformam em sonhos e utopias? Por que se diz que viver é quase sempre caótico, na cidade ou no campo? Quem pode obter a felicidade veiculada nos meios de comunicação? Tecnologia traz alguma felicidade? Que vidas temos nós, diante deste beco que criamos: aparentemente, sem saída para humanos, com todas as saídas para os robôs?

**VII** É preciso pensar sobre todas as questões que aqui se levantam. Temos pensado? Pensar o entor-

no, pensar o imaginável, pensar o passado, pensar o presente, pensar o futuro. O ser humano sempre pensou. Quando começou? Um dia saberemos? Pensou quando construiu sua primeira família? Pensou quando registrou imagens nas cavernas? Pensou quando enterrou seus mortos? Pensou quando construiu seu primeiro instrumento musical? E quando se dispôs a pensar criticamente? Robôs e outras coisas pensarão por nós, os humanos? Serão eles os donos da humanidade? E nós, humanos, e nós humanidade, o que seremos?

**VIII** Que venham os robôs! Ou melhor, eles já estão aqui. Acostumemo-nos a eles! Como senhores e/ou escravos?! Depende de nós! O programa aqui proposto tem a intenção de provocar essa reflexão.

**011010000111010101101011000010110111001101111**





# 04

## MÁRCIO POCHMANN

ECONOMIA: AUMENTA  
A DISTÂNCIA ENTRE  
CAPITAL E TRABALHO.  
NO MEIO, OS ROBÔS.

18. OUTUBRO. 2023

Economia digital. Economia do conhecimento. Fatores de produção: capital, trabalho, terra, tecnologia/educação. Economia e política: o pêndulo do poder. O capital cria "estados" globalizados por meio de fusão e associação de empresas. Os robôs ensinando os humanos, que ensinam os robôs, que ensinam os humanos. Quem consumirá o quê? O deus mercado é tecnológico?

MEDIADOR: LEONARDO NELMI TREVISAN



# 04

## MÁRCIO POCHMANN

[...] estamos vivendo uma inflexão histórica, ou seja, há uma mudança de época em curso que é perceptível pela aceleração do tempo presente. O que significa isso? Significa dizer que há uma aproximação entre o campo de experiência, que é o nosso cotidiano, a vida comum de cada um de nós, dos afazeres normais. Esse campo de experiência se aproxima do horizonte das expectativas. Aquilo que se imaginava distante, que seria o futuro, está muito próximo, pois há uma aceleração do tempo presente.

[...] a tecnologia, evidentemente, não é neutra, mas ela, necessariamente, não significa somente destruição de empregos. Até porque estamos vivendo, não bem uma revolução industrial, mas mais uma revolução informacional, ou seja, o paradigma produtivo segue ainda fortemente dependendo da química, da mecânica, por exemplo, e continua fazendo automóveis, aviões, casas, mas são aviões, automóveis e casas com chips, com processadores. Então, isso indica, justamente, que temos uma modificação nas formas de produzir que necessariamente apontam para o desaparecimento ou perda da centralidade do trabalho.



# Um mundo humano artificialmente real. Inteligência humana, inteligência artificial.

JULIANA SANTOS

Boa noite a todas e todos. Bem-vindas e bem-vindos ao ciclo *Um mundo humano artificialmente real. Inteligência humana, inteligência artificial*. Este é o terceiro ciclo de palestras idealizado pela professora Terezinha Azerêdo Rios e pelo jornalista Fernando Rios, realizado em parceria com o Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. O tema de hoje será: *Economia: aumenta a distância entre capital e trabalho. No meio, os robôs*. Nosso palestrante será Márcio Pochmann com mediação de Leonardo Nelmi Trevisan.

Leonardo é jornalista, graduado em História, mestre em História Econômica e doutor em Ciência Política pela USP. Tem pós-doutorado na área de Economia do Trabalho pela Universidade de Londres.

Queria agradecer muito a presença de todos e passo a palavra ao Leonardo.

LEONARDO TREVISAN

**Economia Social. Isso é um viés de que precisamos para... a expressão é esta: recuperar o Brasil.**

Boa noite a todos. É uma tarefa absolutamente desnecessária apresentar o economista Márcio Pochmann. Ele, de certa forma, tem um currículo que todos conhecem e tem uma contribuição imensa. Fui pesquisar para fazer esta apresentação e vi a quantidade de trabalhos que Márcio Pochmann publicou: está na casa das cinco dezenas, são mais de 50 livros. Basta essa informação para a gente ter uma ideia exata de quem é o nosso convidado de hoje. Pochmann, desde julho (de 2023), é o presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, mas o que eu gostaria

INTRODUÇÃO

de destacar é o tema de todos esses livros e todos esses trabalhos: Pochmann tem uma preocupação essencial com Economia Social. Esse ponto eu gostaria de destacar.

Economia Social. Isso é um viés de que precisamos para... a expressão é esta: recuperar o Brasil. Pochmann é preocupado, essencialmente, com a desigualdade econômica e social, com o mercado de trabalho, com o desenvolvimento econômico. Márcio Pochman é graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; tem pós-graduação em Ciências Políticas pela Associação de Ensino Superior do Distrito Federal; é doutor em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas (1993), onde é professor desde 1989.

Tem diferentes contribuições para a vida política e para a vida econômica brasileira. Foi secretário de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade na prefeitura de São Paulo, de 2001 e 2004; foi presidente do IPEA - Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada, de 2007 a 2012; presidente da Fundação

Perseu Abramo, de 2012 a 2020 e do Instituto Lula. Seu compromisso com a ideia de economia social traduz uma coerência por toda a vida.

Márcio Pochmann é detentor de três prêmios Jabutis com os livros: *Crescimento econômico e distribuição de renda*; *Enciclopédia econômica da América Latina e do Caribe*; e um livro que me é muito caro, *A década dos mitos*.

Acho que poderíamos comentar um pouco mais sobre as ideias dele, mas acredito que é mais importante ouvi-lo. Então, vamos fazer isso. Por favor, Márcio, a palavra é sua. Use-a do jeito que você achar melhor e depois vamos conversar um pouquinho mais.

## **Temos vivido uma situação em que a economia é praticamente um fim em si mesmo..**

**Os economistas foram perdendo importância no que diz respeito a olhar um horizonte de maior longo prazo e há uma mudança de época em curso que é perceptível pela aceleração do tempo presente.**

Perfeitamente. Quero, inicialmente, cumprimentar todos que nos acompanham com um abraço fraterno, solidário, agradecer o convite dos professores Terezinha e Fernando, parabenizar também a iniciativa do CPF do Sesc SP, à Juliana, que fez a abertura, e agradecer muito as palavras, as recepções, que o professor Leonardo nos fez. Ele tem um coração muito generoso e foi, digamos assim, demasiadamente positivo na minha apresentação. Fico lisonjeado e pensei na reflexão que eu poderia trazer aqui a respeito do tema da economia, que é um tema árido e, de certa maneira, os economistas fazem, muitas vezes, questão de torná-lo de difícil entendimento. Vou procurar

trazer, em uma linguagem mais simples, espero, algo que tem sido objeto de minha reflexão já há algum tempo.

A economia pensada ainda na Grécia antiga era entendida como um meio pela qual a política permitiria convergir os interesses de uma maioria, maioria definida pela própria política. Mas temos vivido, nos dias de hoje, pelo menos neste primeiro quarto do século XXI, uma situação em que a economia é praticamente um fim em si mesmo. Há uma espécie de secundarização da política aos princípios que norteiam hoje o tema da economia. E, nesse sentido, os economistas foram também perdendo importância no que diz respeito a olhar um horizonte de maior longo prazo. É justamente por isso que eu gostaria, na verdade, de trazer uma hipótese pela qual tentarei desenvolver no tempo que tenho para apresentar a temática da economia, especialmente, nesse ponto que

MÁRCIO  
**POCHMANN**

foi aqui mencionado de abertura, o aumento da distância entre o capital e o trabalho e, no meio dessa distância, os chamados robôs.

A hipótese central pela qual organizei a minha exposição parte justamente da compreensão de que estamos vivendo uma inflexão histórica, ou seja, há uma mudança de época em curso que é perceptível pela aceleração do tempo presente. O que significa isso? Significa dizer que há uma aproximação entre o campo de experiência, que é o nosso cotidiano, a vida comum de cada um de nós, dos afazeres normais. Esse campo de experiência se aproxima do horizonte das expectativas. Aquilo que se imaginava distante, que seria o futuro, está muito próximo, pois há uma aceleração do tempo presente. Quero aqui mencionar três filmes para dar um sentido ao que quero dizer.

Lembro-me da minha infância, quando acompanhava o seriado *Os Jetsons*<sup>1</sup>. Imagino que alguns também tiveram oportunidade de assistir. Essa série de televisão, *Os Jetsons*, foi produzida nos anos 1960 e era uma série que trazia ou pelo

menos motivava o imaginário do que seria a era espacial, o futuro da humanidade. Tinha cidades suspensas, trabalhos automatizados, aparelhos eletrodomésticos avançados, telefones com imagem, entretenimento com robôs, ou seja, era uma série produzida nos Estados Unidos, mas difundida, de maneira generalizada, pelo mundo, uma série que, de certa maneira, trazia uma visão otimista do futuro. Ou seja, o futuro era visto com otimismo diante das possibilidades tecnológicas que a série continha.

Se tratarmos de outro filme do início dos anos de 1980, chamado *Blade Runner*<sup>2</sup>, um clássico cult dos filmes hollywoodianos, ele traz elementos que já não são tão positivos em relação ao futuro da mudança tecnológica. Ele vai justamente focar, a partir do que poderia vir a ser a cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, em uma perspectiva de futuro: o filme aponta para uma cidade que estaria vivendo a decadência das cidades na Terra diante da poluição, do consumo exacerbado, de certa forma, o colapso da civilização humana. E os esforços que estariam sendo feitos para

**1 *The Jetsons*** (em português *Os Jetsons*) é uma série animada de televisão produzida pela Hanna-Barbera, exibida originalmente na ABC entre 1962 e 1963. Foi exibida no Brasil pela TV Excelsior. Mais tarde a série foi relançada com novos episódios produzidos entre 1984 e 1987, como parte do programa *The Fantastic World of Hanna-Barbera*. Foi exibida no canal brasileiro SBT. Tendo como tema a "Era Espacial", a série introduziu no imaginário da maioria das pessoas o que seria o futuro da Humanidade: carros voadores, cidades suspensas, trabalho automatizado, toda sorte de aparelhos eletrodomésticos e de entretenimento, robôs como criados, e tudo que dá para se imaginar do futuro.

**WIKIPÉDIA 21.03.2024**

[https://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Jetsons](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Jetsons)

**2 *BLADE RUNNER, O CAÇADOR DE ANDROIDES***

FIÇÃO CIENTÍFICA, 1982.

DIREÇÃO: **Ridley Scott**

ROTEIRO: **David Webb Peoples, Hampton Fancher**

ELENCO: **Harrison Ford, Rutger Hauer, Sean Young**

No início do século XXI, uma grande corporação desenvolve um robô que é mais forte e ágil que o ser humano e se equiparando em inteligência. São conhecidos como replicantes e utilizados como escravos na colonização e exploração de outros planetas. Mas, quando um grupo dos robôs mais evoluídos provoca um motim, em uma colônia fora da Terra, este incidente faz os replicantes serem considerados ilegais na Terra, sob pena de morte. A partir de então, policiais de um esquadrão de elite, conhecidos como *Blade Runner*, têm ordem de atirar para matar em replicantes encontrados na Terra, mas tal ato não é chamado de execução e sim de remoção. Até que, em novembro de 2019, em Los Angeles, quando cinco replicantes chegam à Terra, um ex-*Blade Runner* (Harrison Ford) é encarregado de caçá-los.

**ADORO CINEMA 29.03.2024**

<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-1975/>

encontrar uma nova forma de colonizar outros planetas e revelava até mesmo uma revolta dos denominados replicantes humanos. Ou seja, uma temática que também tratava do futuro, mas não com uma perspectiva tão positiva, pois chamava a atenção para os problemas que a Terra estaria acumulando diante dos problemas que conhecemos hoje, de poluição, por exemplo, problemas relativos à pobreza, em grande medida, mesmo nos grandes centros urbanos de países como os Estados Unidos.

Por fim, ainda outro filme que é muito recente, é um filme de 2023, assisti na semana passada, está disponível na rede Netflix, que se chama, na língua portuguesa, *Destino à deriva*<sup>3</sup>. É um filme que trata, justamente, do problema migratório, especialmente em países que assumem um regime de natureza mais totalitário na gestão da escassez de água, de alimento. Então, obviamente, não sou um crítico de cinema, mas entendi que era interessante fazer essa abertura do que eu estou identificando como sendo uma mudança de época, aceleração do tempo presente, à medida

que o nosso cotidiano está cada vez mais misturado, combinado com aquilo que, no passado, imaginávamos ser do futuro.

Ao mesmo tempo, essa aproximação do tempo presente do futuro, de certa maneira, hoje, em virtude inclusive de um predomínio de visão negativa sobre esse futuro, temos, basicamente, duas grandes narrativas que dão o sentido da interpretação do momento que estamos vivendo, especialmente, em relação aos desafios econômicos.

Temos, digamos assim, uma grande narrativa que é aquela que passa pela defesa da ordem atual, oferecendo uma esperança anunciada de que seria possível voltarmos a ter o passado alvissareiro e gerindo, do ponto de vista democrático, as emergências das populações. Ou seja, há uma aposta positiva no futuro, do ponto de vista econômico, mas essa aposta futura, de certa maneira, contemplaria uma perspectiva democrática, mas muito mais mantendo o passado como um sentido de futuro, do ponto de vista de o que foi um passado e que geralmente se entende, identifica como sendo

### 3 DESTINOS À DERIVA

SUSPENSE, 2023

DIREÇÃO: Albert Pintó

ROTEIRO: Ernest Riera

ELENCO: Anna Castillo, Tamar Novas, Tony Corvillo

Mia (Anna Castillo) é uma mulher grávida que se esconde em um contêiner para fugir de um país totalitário com o marido. Separada dele à força, ela precisa lutar pela sobrevivência quando uma violenta tempestade a atira ao mar. Sozinha e à deriva no meio do oceano, Mia fará o impossível para salvar a vida da filha e reencontrar o companheiro.

ADORO CINEMA 29.03.2024

<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-297845/>

melhor do que o futuro poderia vir a apresentar.

Temos outra narrativa que, digamos assim, parte do pressuposto de que não há condições de avançar para o futuro em relação à ordem atual. Então, é uma narrativa antissistema, é uma narrativa que aponta o descrédito das instituições democráticas e que, portanto, o regime democrático teria cada vez menos capacidade para permitir que o futuro não fosse o futuro do caos, o caos ambiental, o caos populacional, o caos urbano, o caos da guerra.

Temos essas duas narrativas e isso é perceptível em vários países, inclusive no Brasil. Temos um choque de narrativas antissistema, narrativa pró-sistema, narrativa a favor da democracia, narrativa já destoando das possibilidades democráticas, mas essas duas grandes narrativas, a meu modo de ver, não são suficientes para entender o momento atual, que é um momento de mudança de uma época profunda e, por isso, eu gostaria de avançar, de explorar uma alternativa a essas duas narrativas que mencionei muito rapidamente. Isso

porque entendo que nós, nossas gerações, as diferentes gerações que vivem este momento, na terceira década do século XXI, são gerações que, de certa maneira, têm a oportunidade singular de fazer a história, de construir a própria história com as suas mãos, porque o que está em jogo é uma disputa de qual futuro teremos. E identifico, de certa maneira, quatro grandes eixos que apontam, na verdade, essa disputa de futuro.

**Estamos acompanhando um deslocamento do centro dinâmico que, nos últimos 500 anos, estava localizado no Ocidente do mundo e que agora se desloca de forma mais forte, para o Oriente.**

Vou tentar, não apenas mencioná-los, mas também descrever com uma certa percepção de que são esses quatro eixos pelos quais precisamos ter um melhor entendimento acerca de como poderá ser o futuro, de maneira geral, e especialmente olhando o Brasil, que é, talvez, o que mais nos interessa.

Os quatro grandes eixos condutores de futuro começam pelo item que entendo ser o mais im-



portante, pelo menos nos últimos 300 anos, que, do ponto de vista econômico, pode ser perceptível pelo deslocamento do centro econômico e geopolítico do mundo do Ocidente para o Oriente. Estou dizendo que estamos acompanhando um deslocamento do centro dinâmico que, praticamente, nos últimos 500 anos, estava localizado no Ocidente do mundo e que agora se desloca, já há algum tempo, de forma mais forte, para o Oriente. Isso não é visível apenas do ponto de vista comercial, econômico, tecnológico, como se observa especialmente no caso da China e que, de certa maneira, rompe com um projeto de modernidade que havia sido instalado desde 1453, ano em que os turcos tomam Constantinopla<sup>4</sup>, hoje Istambul<sup>5</sup>. De certa maneira, isso interrompe as milenares rotas da seda que permitiam o comércio do que havia de mais avançado em sociedades agrárias daquela época, que eram impérios Hindu<sup>6</sup> e o Império do Meio<sup>7</sup>, a China, que produziam especiarias, mercadorias tecnologicamente mais avançadas e que eram deslocadas pelo comércio da seda até uma Europa muito atrasada. Havia algumas cidades europeias, cidades comerciais

que viviam desse comércio e que, com a queda de Constantinopla, esse comércio foi fortemente afetado pelas possibilidades de ele continuar ocorrendo pelo Mediterrâneo.

Então, vamos ter, no final do século XV, passagem para o século XVI, um grande investimento dessas cidades e estados, junto com impérios, império português, império espanhol, império inglês, império francês, império holandês, para citar alguns, que vão investir num meio de chegar, novamente, às Índias e à China, não mais pelo Mediterrâneo, mas pelo Oceano Atlântico. E aí é que vamos ter as grandes navegações que, de certa maneira, recuperam o comércio com a China e a Índia pelo oceano Atlântico. Contudo, mais do que isso, foi possível "descobrir" e conquistar um continente desconhecido até então, que é o continente americano.

Com esta descoberta, vamos ter a instalação do sistema colonial europeu, que vai juntar, vai ser a primeira experiência de uma cadeia global de valor, porque une pelo menos três grandes continentes, além da Europa, a África, como fornece-

**4 Constantinopla.** "Cidade de Constantino", atual Istambul, foi a capital do Império Romano (330–395), do Império Bizantino (ou Império Romano do Oriente) (395–1204 e 1261–1453), do Império Latino (1204–1261) e, após a tomada pelos turcos, do Império Otomano (1453–1922). Estrategicamente localizada entre o Corno de Ouro e o Mar de Mármara no ponto em que a Europa encontra a Ásia, a Constantinopla Bizantina havia sido a capital da Cristandade, sucessora das antigas Grécia e Roma. No decorrer da Idade Média, Constantinopla foi a maior e mais rica cidade da Europa.

**WIKIPÉDIA 27.05.2024**

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Constantinopla>

**5 Istambul.** Antiga Bizâncio e Constantinopla é a maior cidade da Turquia e rivaliza com Londres como a mais populosa da Europa, com 15 067 724 habitantes na sua área metropolitana em 2018. A grande maioria da população é muçulmana, mas também há um grande número de laicos e uma infima minoria de cristãos e judeus.

**WIKIPÉDIA 27.05.2024**

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Istambul>

**6 A Civilização Hindu** é uma das sociedades mais antigas do mundo. Com a centralização comercial no Oriente Médio e em regiões estratégicas da Ásia, o território hoje ocupado pela Índia ficou distanciado dos demais povos e se manteve economicamente pelo comércio interno das especiarias até a era da Idade Média. Por volta de 2000 a.C., os dravidianos habitavam a Índia e cultivavam a terra para agricultura com avançadas técnicas de irrigação. Posteriormente, tribos arianas começaram a dominar os territórios hindus.

**INFO ESCOLA 27.05.2024**

<https://www.infoescola.com/historia/civilizacao-hindu/>

**7 Império do Meio, Reino do Meio. Zhōngguó** é um nome que se deu à China no século III a.C. Nessa época, a dinastia Qin unificou sob sua autoridade um enorme território o qual chamou de Zhōngguó (Terra Central). Séculos depois, as riquezas deste império atraíram exploradores e comerciantes árabes e europeus. Os árabes chamaram a região de Cin, como a antiga família reinante. Os mercadores venezianos, que chegaram depois, transformaram o nome em Cina, que se pronuncia China, passando-se assim à nossa língua. A maioria dos chineses não sabem que Zhōngguó tem um outro nome no resto do mundo. Na língua portuguesa, só se utiliza a denominação "Reino do Meio" como uma alusão direta ao nome Zhōngguó, de modo similar à denominação Império do Sol Nascente para o Japão (Nihon).

**WIKIPÉDIA 27.05.2024**

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Zhongguo%C3%B3>

dora de mão de obra escravizada, e o território do continente americano, que vai ser a base pela qual se produzirão commodities daquela época, no caso brasileiro, o pau-brasil, e, posteriormente, a açúcar da cana.

Acrescente-se também a exploração mineral de Potosí<sup>8</sup> (Bolívia), de prata; do ouro das Minas Gerais, e que, de certa maneira, o sistema colonial europeu vai permitir, portanto, o enriquecimento da Europa, o que alguns economistas denominam como sendo uma acumulação primitiva que vai potencializar a própria Revolução Industrial na Inglaterra ainda na metade do século XVIII.

Durante três séculos, tivemos o eurocentrismo, sistema colonial europeu que foi responsável por colocar a Europa no centro do mundo. Depois, com o nascimento do capitalismo, com a Revolução Industrial na metade do século XVIII, vamos ter um sistema capitalista se organizando e ganhando dimensão planetária. Isso sem falar nas artes, na cultura, na literatura, nas ciências, no papel do Renascimento<sup>9</sup>, o papel do Iluminismo<sup>10</sup>.

Tudo isso faz parte desse projeto de modernidade que concedeu ao Ocidente um protagonismo que durou por muito tempo, mas hoje já começa a ter problemas. Há sinais de colapso. Portanto, abre-se uma outra expectativa de modernidade que, do ponto de vista econômico, tecnológico e comercial, está centrado no Oriente e na China. Em se consolidando essa realidade para o Brasil, para o continente americano, de fato, é uma enorme surpresa, porque, desde o "descobrimento", digamos assim, dos europeus, a colonização do continente americano, a relação que temos é praticamente com o norte global do ocidente. Nossas relações com a Ásia e sobretudo com a China são relativamente escassas e muito recentes.

### **O segundo grande eixo condutor de futuro está diretamente relacionado à transição do sistema climático.**

Esse é um campo novo pelo qual é fundamental entender como poderá ser o futuro do Brasil, ou mesmo do mundo, tendo a centralidade não mais ocidental, e sim, cada vez mais oriental.

**8 Potosí** é a capital da Província de Tomás Frías e do Departamento de Potosí, na Bolívia. Sua população, no censo de 2009, era de 194.298 habitantes. Situada na Cordilheira dos Andes, à altitude de 3.967 metros, é uma das cidades, geograficamente, mais altas do mundo. É conhecida pelo seu vasto patrimônio arquitetônico. A Catedral Gótica de São Lourenço, a Casa da Moeda e a Universidade Tomás Frías são admirados mundialmente entre outros, e a cidade, em 1987, passou a integrar a lista do Patrimônio Mundial da UNESCO. Foi fundada em 1546. Em 1611, já era a maior produtora de prata do mundo e tinha à volta de 150 000 habitantes. Alcançou seu apogeu durante o século XVII, tornando-se a segunda cidade mais populosa (atrás de Paris) e a mais rica do mundo, devido à exploração de prata enviada à Espanha. No entanto, em 1825, a maior parte da prata já se tinha esgotado e a sua população desceu até os 8 000 habitantes. No começo do século XX, a exploração de estanho se incrementou pela demanda mundial e, como consequência, Potosí voltou a experimentar um crescimento importante.

**WIKIPÉDIA 27.05.2024**

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Potos%C3%AD>

**9 Renascimento, Renascença ou Renascentismo** são os termos usados para identificar o período da história da Europa aproximadamente entre meados do século XIV e o fim do século XVI. Apesar de as transformações serem bem evidentes na cultura, sociedade, economia, política e religião, caracterizando a transição do feudalismo para o capitalismo e significando uma evolução em relação às estruturas medievais, o termo é mais comumente empregado para descrever seus efeitos nas artes, na filosofia e nas ciências. Chamou-se Renascimento em virtude da intensa revalorização das referências da Antiguidade Clássica (Grécia e Roma). O ser humano foi revestido de uma nova dignidade e colocado no centro da Criação, e por isso deu-se à principal corrente de pensamento deste período o nome de humanismo. O movimento manifestou-se primeiro na região italiana da Toscana, tendo como principais centros as cidades de Florença e Siena, de onde se difundiu para o resto da península Itálica e depois para praticamente todos os países da Europa Ocidental, impulsionado pelo desenvolvimento da imprensa e pela circulação de artistas e obras.

**WIKIPÉDIA 27.05.2024**

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Renascentimento>

**10 O Iluminismo** foi um movimento intelectual que surgiu na Europa no século XVIII. Os iluministas eram defensores da razão como forma de entender o mundo. Contribuíram para o desenvolvimento científico e combatiam a influência da Igreja. Eram críticos do absolutismo e da concentração do poder real. Os ideais iluministas contribuíram para eventos como a Revolução Americana e a Revolução Francesa. Entre os principais iluministas, destacaram-se: Denis Diderot, Jean le Rond d'Alembert, Immanuel Kant, Adam Smith, David Hume, Voltaire, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau, René Descartes.

**UOL BRASIL ESCOLA 27.05.2024**

<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/iluminismo.htm#Resumo+sobre+o+iluminismo>

Podemos, depois, se for o interesse, voltarmos a esse tema, mas eu já gostaria de passar para o segundo grande eixo condutor de futuro, que está diretamente relacionado à transição do sistema climático. Esse é o segundo item que tem interferência econômica muito importante, porque estamos abandonando o Holoceno<sup>11</sup> e avançando para o Antropoceno. O que eu quero dizer com isso? Temos, basicamente, pesquisas, estudos desde a época de 1970, que foram chamando a atenção para a incapacidade de o planeta sustentar o padrão de produção e consumo no modelo dos Estados Unidos, o chamado *american way of life*: casas grandes, dois ou três automóveis e toda a rede de eletrodomésticos que faz parte, portanto, desse padrão de produção e consumo que tem como referência os Estados Unidos.

Foi-nos dito, no Clube de Roma<sup>12</sup>, em 1972, que esse padrão de produção e consumo é insustentável ambientalmente. Que, portanto, haveria necessidade de repensar a relação humana com a natureza. A natureza não poderia ser vista como um recurso natural de uso ilimitado. Embora isso

já esteja claro desde o final dos anos 60 e início dos anos 70, o que fomos observando é que os países demonstraram incapacidade de conviver com essa transição, mitigar essa transição, não obstante o uso de conceitos como desenvolvimento sustentável, a realização de várias COPs<sup>13</sup>, as conferências sobre clima. O que estamos assistindo, e isso vem sendo revelado pelo IPCC<sup>14</sup>, que é um grupo de cientistas que acompanham, monitoram o clima no mundo e chamam a atenção para já estarmos com uma temperatura média acima de 1% do que era até então e isso sinaliza um ponto de não-retorno, não voltaremos a ser o que éramos, teremos que conviver com uma temperatura maior e suas consequências.

A temperatura maior significa, na verdade, degelo da calota polar. E, portanto, a elevação do nível do mar e, conseqüentemente, enchentes, inundações, desaparecimento de algumas cidades. Quais cidades se manterão? Cidades que estão nas zonas litorâneas brasileiras, por exemplo, sentirão os impactos desse novo clima, do novo regime climático nos diferentes biomas brasileiros. O problema

**11 Holoceno e Antropoceno.** Enquanto o período Triássico é considerado uma época em que os dinossauros reinaram na Terra, o Antropoceno representa a transformação do planeta a partir das ações causadas pela sociedade humana no meio ambiente. Contudo, um grupo de cientistas aponta que a sociedade está vivendo atualmente em um período chamado de Holoceno: a época geológica começou logo após a última Era do Gelo, há aproximadamente 12 mil anos. O que determinou o início do Holoceno foi o crescimento da população humana e a maneira que dominamos a agricultura. Alguns cientistas argumentam que o planeta entrou no Antropoceno durante a Revolução Industrial, quando as ações da humanidade sobre o meio ambiente começaram a aumentar significativamente.

**TEC MUNDO 27.05.2024**

<https://www.tecmundo.com.br/ciencia/280676-antropoceno-holoceno-futuro-terra-debate.htm>

**12 Clube de Roma e o relatório "Os limites do crescimento" (1972)**

Em 1968, o empresário italiano Aurelio Peccei, presidente honorário da Fiat, e o cientista escocês Alexander King se juntaram para promover um encontro, no qual seria discutido o futuro das condições humanas no planeta. A ideia era convidar cerca de 20 personalidades da época para avaliar questões de ordem política, econômica e social com relação ao meio ambiente. O trabalho que deixou o Clube de Roma em evidência mundial aconteceu quatro anos depois de sua primeira reunião. Em 1972, o grupo pediu a uma equipe de cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, sigla em inglês), liderada por Dennis e Donella Meadows, para elaborar um relatório intitulado "Os Limites do Crescimento". Este estudo utilizou sistemas de informática para simular a interação do homem e o meio ambiente, levando em consideração o aumento populacional e o esgotamento dos recursos naturais.

A conclusão a que se chegou foi que se a humanidade continuasse a consumir os recursos naturais como na época, por consequência da industrialização, eles se esgotariam em menos de 100 anos.

**PENSAMENTO VERDE 21.03.2024**

<https://www.pensamentoverde.com.br/sustentabilidade/clube-roma-relatorio-limites-crescimento->

Acessar: THE CLUB OF ROME

<https://www.clubofrome.org/>

**13 COP (CONFERENCE OF PARTIES)** Desde 1995, a Organização das Nações Unidas (ONU) reúne lideranças de todo o mundo para discutir ações de enfrentamento ao desafio global das mudanças climáticas na chamada de Conferência das Partes (Conference of the Parties).

Acessar **UNITED NATIONS / CLIMATE CHANGES / CONFERENCE OF THE PARTIES (COP)**

<https://unfccc.int/process/bodies/supreme-bodies/conference-of-the-parties-cop>

**14 IPCC.** O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, mais conhecido pelo acrônimo IPCC (da sua denominação em inglês Intergovernmental Panel on Climate Change) é uma

da chuva, ou chuva em grande quantidade, enchentes, epidemias. Esse é um novo regime climático que vem para ficar e ele implica, na verdade, possibilidades e limites para cada uma das nações. No caso brasileiro, até estamos relativamente bem condicionados, porque o Brasil tem uma variedade de biomas, ademais de ter a floresta amazônica, considerada uma espécie pulmão do mundo. Mas obviamente que é um recurso da natureza limitado se não tivermos a capacidade de gerir, de forma adequada, os biomas brasileiros que sofrem, evidentemente, da devastação.

Convivemos, inclusive, com mudanças climáticas, estamos cada vez mais convivendo com desastres ambientais de grande porte e isso, portanto, indica uma realidade nova, em termos de presente e futuro, que é a mudança do clima. Essa é uma questão muito importante que faz, inclusive, com que alguns países apostem cada vez mais na possibilidade de colonizar outros planetas. Há uma série de iniciativas nesse sentido, mas o fato é que a grande parte da população conviverá por muito tempo com essa mudança climática cujos efeitos

ainda são relativamente pouco conhecidos.

**A era digital é um processo de datificação, um uso crescente e recorrente de dados, que se transformou em um modelo de negócio para poucas e grandes empresas receberem lucros extraordinários.**

Podemos passar para o terceiro grande eixo condutor de futuro que está diretamente relacionado ao avanço para a era digital. Estamos aqui tendo a oportunidade deste diálogo em que há uma dispersão geográfica de quase todos aqui e que estão em lugares distintos. Isso só é possível porque estamos vivendo uma época da digitalização dos dados, em que a tecnologia abre uma oportunidade enorme de comunicação, de interação, e essa era digital vem trazendo consequências muito intensas para a população.

Não sabemos, aqui no Brasil, por exemplo, qual é a quantidade de pessoas que vivem de monetização das redes sociais. É possível ganhar dinheiro operando nas redes sociais. *Os influencers, you-*

organização científico-política criada em 1988, no âmbito das Nações Unidas (ONU), pela iniciativa do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e da Organização Meteorológica Mundial (OMM). Tem como objetivo principal sintetizar e divulgar o conhecimento mais avançado sobre as mudanças climáticas que hoje afetam o mundo, especificamente, o aquecimento global, apontando suas causas, efeitos e riscos para a humanidade e o meio ambiente, e sugerindo maneiras de combater os problemas. O IPCC não produz pesquisa original, mas reúne e resume o conhecimento produzido por cientistas de alto nível independentes e ligados a organizações e governos.  
**WIKIPÉDIA 25.03.2025**  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Painel\\_Intergovernamental\\_sobre\\_Mudan%C3%A7as\\_Clim%C3%A1ticas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Painel_Intergovernamental_sobre_Mudan%C3%A7as_Clim%C3%A1ticas)  
Acessar: **IPCC - THE INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE**  
<https://www.ipcc.ch/>

*tubers* (entre outras atividades que a gente nem conhece muito bem quais seriam a denominação e que muitas pessoas as exercem e vivem da monetização das redes sociais) não concebem o que eles fazem como sendo trabalho. Muitas vezes, uma pesquisa sobre emprego e desemprego, ao indagar alguém com essa atividade de trabalho, se pergunta se ele trabalha, é comum ouvir que ele não trabalha, que não procura trabalho, embora exerça um trabalho que não é concebido como tal.

A era digital é um processo de datificação, um uso crescente e recorrente dos dados, que se transformou em um modelo de negócio para poucas e grandes empresas receberem lucros extraordinários e nós todos, muitas vezes, temos dificuldade de, por exemplo, responder a um questionário do IBGE. Mas nós todos praticamente transferimos as nossas informações, os nossos dados para essas grandes empresas, porque, pela digitalização, pelo uso de redes sociais, por exemplo, a gente vai colocando ali as músicas que ouvimos, os filmes que assistimos, o trânsito, o deslocamento que a gente faz por aplicativo, as contas que a gente

paga, por exemplo, a nossa lista telefônica. Enfim, uma imensidão de informações que estão sendo deslocadas para essas redes de informação e comunicação que, na maior parte das vezes, não são brasileiras, são empresas estrangeiras.

E aí ingressa outro ponto importante que é, justamente, a ausência de soberania no uso dos dados, porque temos grandes empresas que hoje sabem muito mais do Brasil do que o IBGE, do que o presidente da República, pois elas têm grandes bancos de dados e sabem utilizar muito bem essas informações. Assim, como a gente, por hipótese, entra na internet para ver, comprar alguma passagem aérea e, durante uma semana ou mais, receberemos propagandas vinculadas ao deslocamento aéreo, a hotelaria, ao transporte, ou seja, estamos sendo monitorados através dessas grandes corporações que operam dados e para as quais entregamos essas informações.

Obviamente, isso tem repercussões também em termos de sociabilidade: devemos nos lembrar a quantidade das pessoas que se relacionam cada

vez mais pela internet, não *face-to-face*, não de forma presencial. É aquilo que alguns autores denominam como uma espécie de "modernidade líquida" e não tem muita concretude. Então, esse é um ponto muito importante que está transformando as formas de trabalho. Fala-se cada vez mais de trabalho imaterial, não é que aquele trabalho que não produz algo concreto, palpável, como, por exemplo, alguém que trabalha numa montadora de automóvel, alguém que trabalha no campo, alguém que trabalha na indústria, são trabalhadores que produzem algo concreto, palpável, que é ali o trabalho incorporado, o trabalho concretizado.

No entanto, estamos cada vez mais falando também do trabalho imaterial, que é aquele trabalho que não produz materialidade, não produz concretude, mas é um trabalho vinculado ao setor terciário, nos serviços. Temos dificuldade de calcular qual é o impacto no produto nacional do comércio eletrônico, desse comércio feito inclusive com empresas estrangeiras. É um mundo novo que precisa ser mais bem estudado e conhecido porque ele interfere na própria gestão econômica.

**O novo regime demográfico significará menos pessoas nascendo, mais pessoas morrendo e, portanto, para alguns países, podemos ter uma redução absoluta do número de habitantes.**

Por fim, o quarto grande eixo condutor de futuro que denominamos como sendo um novo regime demográfico. Demográfico, por quê? Porque até, praticamente, o século XVIII, a população estimada no mundo havia crescido para, no máximo, um bilhão de habitantes, mas, nos últimos três séculos, a população cresceu muito rapidamente e atingimos cerca de oito bilhões de pessoas. Saímos de sete para oito bilhões de pessoas e isso indicava que, a cada ano, aumentava a população. Portanto, aumentava a pressão por escola, por um determinado tipo de médico voltado para criança.

Bom, o que estamos assistindo, as revelações dos censos mais recentes, vão apontando uma espécie de estagnação no crescimento da população. É uma transição demográfica em que as famílias estão repensando se vale a pena ou não ter filhos. O que podemos dizer é que esses oito bilhões de

habitantes estimados para o mundo possivelmente não se manterão nesse patamar, porque há uma espécie de desestímulo à fecundidade familiar.

Ademais desse questionamento de redução do número de filhos, há um aumento da expectativa média de vida. Os brasileiros, em particular, e a população mundial, de maneira geral, estão vivendo mais. Isso coloca novas questões do ponto de vista do letramento, da aprendizagem, porque a internet também é uma maneira própria de permitir transmissão de conhecimento.

O novo regime demográfico significará menos pessoas nascendo, mais pessoas morrendo e, portanto, para alguns países, podemos ter uma redução absoluta do número de habitantes.

Essa é um pouco da projeção do Brasil para a década de 2040 quando, possivelmente, chegaremos nessa circunstância, com as pessoas individualmente apostando em uma perspectiva que dificilmente se realizaria, porque estamos diante de uma população que começa a ser mais enve-

lhecida, que depende de determinadas políticas públicas e que, muitas vezes, não estão na agenda.

Podemos dizer, em relação à redução do número de crianças, do número de filhos... aqui no Brasil, vindo acompanhada, por exemplo, do fechamento de escolas. Vários prefeitos acreditam que a melhor maneira de enfrentar o custo das escolas que têm poucos alunos é unificar em poucas escolas, colocar as crianças para se deslocarem em ônibus, para ir da sua casa para uma escola mais distante.

Não estamos aproveitando essa oportunidade de discutir que modelo de escola seria o mais adequado para o Brasil. Poderíamos perfeitamente fazer isso reconhecendo que o modelo de escola que temos hoje é muito próprio da era industrial, não adequado à era da digitalização.

Descrevi e comentei esses quatro grandes eixos de conduta do futuro: o deslocamento do centro dinâmico do mundo, a transição do sistema climático, o ingresso na era digital e o novo regime demográfico.

### **Temos uma modificação nas formas de produzir que não apontam necessariamente para o desaparecimento ou perda da centralidade do trabalho**

Já estou caminhando para o meu final, para não os cansar demasiadamente, mas gostaria de chamar a atenção especialmente para esse tema mais tecnológico, que aponta uma visão um pouco negativa em relação ao futuro, porque parte do pressuposto de que os robôs, a inteligência artificial, estariam suprimindo postos de trabalhos.

Estudos apontam que uma parte significativa dos empregos existentes vai desaparecer e todos esses estudos estão sendo realizados com a ideia de que nós estamos vivendo uma revolução industrial e tecnológica. E como as duas outras reformas, as duas outras revoluções industriais tecnológicas que nós tivemos foram supridoras de pós-trabalhos, terminam repetindo esta visão.

A nossa intenção é dizer que a tecnologia, evidentemente, não é neutra, mas ela, necessariamente,

não significa somente destruição de empregos. Até porque estamos vivendo, não bem uma revolução industrial, mas mais uma revolução informacional, ou seja, o paradigma produtivo segue ainda fortemente dependendo da química, da mecânica, por exemplo, e continua fazendo automóveis, aviões, casas, mas são aviões, automóveis e casas com chips, com processadores. Isso indica, justamente, que temos uma modificação nas formas de produzir que aponta para o desaparecimento ou perda da centralidade do trabalho.

Vejamos um dado da Federação Internacional de robótica, que mapeia o número de robôs e uso de inteligência artificial em cada um dos países. Esse estudo, que é de 2019, indicava que os países que mais utilizavam robôs, inteligência artificial - Coreia do Sul, Taiwan, Singapura, Japão, China, Alemanha, Estados Unidos -, esses países que são de ponta, do ponto de vista tecnológico, não apresentavam desemprego em alta escala. Ao contrário, a taxa de desemprego seria próxima do pleno emprego, taxa de desemprego entre 3% e 4% da força de trabalho.



Isso não quer dizer que não tenha problema de mercado de trabalho - salários baixos, desigualdades -, mas escassez de força de trabalho, isso a gente não estaria percebendo até agora. Aliás, o Brasil tem também uma referência importante que quero compartilhar no pouco tempo que ainda me resta, a respeito de um dos setores que mais investimentos tecnológicos fazem no Brasil, que é o ramo financeiro.

Os bancos fazem muito investimento em proteção, segurança de dados, *big data*, entre outros. O ramo financeiro, que é um dos que mais investem em tecnologia, na verdade, produziu mais empregos do que destruiu. O fato é que houve uma mudança na natureza do trabalho.

Se tomarmos, por exemplo, o ano de 1988, no Brasil, o ramo financeiro empregava um milhão de trabalhadores, sendo 850 mil contratados diretamente pelos bancos, como escriturário, gerentes, entre outras ocupações, e 150 mil trabalhadores contratados indiretamente pelo que a terceirização daquela época permitia, ou seja, o emprego

terceirizado, por exemplo, trabalhadores de segurança, segurança patrimonial, segurança da agência bancária. O outro grupo eram os trabalhadores de transporte de valores, transporte de dinheiro.

Isso é o dado de 1988.

Se a gente vier para 2014, chegaremos à conclusão de que o ramo financeiro, em vez de um milhão de trabalhadores, tinha um milhão e oitocentos mil empregados. Houve um aumento de 80% nas ocupações, mas ocupações com natureza distinta. O emprego mesmo diretamente do bancário, do escriturário, havia reduzido de 850 mil, em 1988, para 400 mil empregos, em 2014, uma redução significativa. Mas ocorre que o ramo financeiro, na verdade, foi ampliando suas atividades, como, por exemplo, os chamados correspondentes bancários ou agências lotéricas, que operam, em grande medida, parte daquilo que os bancos faziam.

Os correspondentes bancários eram cerca de 200 mil, o que equivalia a uma média de 800 mil

trabalhadores no Brasil, acrescido de ocupados na forma de autônomos/consultores de banco. Ou seja, as inovações tecnológicas informacionais mudam mais a natureza do trabalho do que suprimem ocupações. Confirma, assim, a própria mudança de época.

### **Estão surgindo formas novas de ganho de renda que pouco tem a ver com a ideia de emprego assalariado ou relação capital-trabalho**

Temos uma revolução informacional que está mudando a natureza do trabalho. E essa natureza do trabalho vem também sendo impactada não mais pela centralidade da relação capital-trabalho, mas cada vez mais numa relação débito e crédito. Relação capital-trabalho é aquela que se dá geralmente no emprego assalariado, entre patrão e empregado, que constituiu a base da organização sindical que aconteceu no Brasil nos últimos 50 anos.

Entretanto, o que nós estamos percebendo é que, com essa mudança tecnológica, com a revolução

informacional, com trabalhos e ganhos vinculados a redes sociais, é que há, de certa maneira, uma nova centralidade que não é mais diretamente a relação capital e trabalho, mas é cada vez mais "débito e crédito".

O que é débito e crédito? Nós sabemos quanto custa viver, quando precisa pagar o aluguel, quando pagamos de alimentação, de transporte. O que está ocorrendo, em grande medida, é que, para fazer esse débito, precisamos de crédito, de moeda, de dinheiro, e que, em geral, o trabalho não está possibilitando acesso a uma renda satisfatória, decente, para cobrir o custo da vida, o débito da vida.

Por isso, expandem-se formas novas de ganho de renda que pouco têm a ver com a ideia de emprego assalariado ou relação capital-trabalho. Nós estamos falando na realidade de uma nova modalidade de trabalho e que está generalizada por várias atividades, seja através do endividamento, que é uma forma de se financiar, endividando-se, mas para conviver nesse mundo em que, muitas

vezes, o ganho recebido é suficiente para pagar apenas a alimentação daquele momento.

Temos também que reconhecer que a questão financeira, de certa maneira, vai tendo um apelo muito grande nessa questão do financiamento do débito e junto, obviamente, com outras características que são, além do endividamento, o programa de transferência de renda, como no caso Bolsa Família e outros e, ao mesmo tempo, um movimento que vem dessa relação débito e crédito de atividades e trabalhos ilegais, trabalhos que anteriormente não eram reconhecidos, mas hoje são ocupações com remuneração bastante intensa, que vem do crime organizado, das milícias, especialmente nos grandes centros metropolitanos.

Bom, não marquei muito bem o tempo que eu tinha para falar, mas penso que consegui, no propósito que eu tinha, de oferecer uma visão a respeito de uma narrativa diferente dessa que está muito intensa nos meios de comunicação entre aqueles que defendem que não há possibilidade democrática de gerir, de administrar o país

diante da mudança de rumo, e outros que defendem, na verdade, pela via democrática, a gestão do presente, embora com forte ênfase do passado. A nossa narrativa, vamos dizer assim, é muito mais voltada para a identificação de que há uma mudança de época.

Trouxe aqui alguns exemplos. E essa mudança de época está em aberto em termos de disputa de futuro. Podemos perfeitamente alterar o rumo, isso ainda é possível, mas não é para toda a vida. É um momento de grande oportunidade que debates como este que visam, justamente, abrir a consciência crítica de cada um de nós, sensibilizando-nos e mobilizando-nos para um engajamento que permitiria formar uma maioria diferente, uma maioria política diferente em relação aos rumos do Brasil. Então, fico por aqui, devolvo a palavra ao mestre Leonardo para que a gente possa ter algum debate, algum diálogo. Muito obrigado.

#### LEONARDO TREVISAN

Primeiro de tudo, quero agradecer ao Márcio pela palestra esclarecedora e, de alguma forma, colo-

cando vários problemas. Acho que é da minha função abrir o debate. Não seria justo que eu fizesse as primeiras observações. Vou deixar para a nossa distinta audiência fazer essas primeiras observações. Tenho algumas aqui, mas quero primeiro, democraticamente, dar a voz a quem tiver o interesse de fazer perguntas ao professor Márcio Pochmann. Alguém está interessado? Quem gostaria de quebrar o gelo? O Fernando Rios. Vamos lá, Fernando.

#### FERNANDO RIOS

Considerando essas questões que o Márcio colocou, eu queria ouvir dele uma espécie de análise global da situação do mundo e do sistema capitalista.

Noam Chomsky tem vários textos antológicos, entre eles este:

*Os homens ricos das sociedades ricas são os que dirigem o mundo, competindo entre si por uma maior porção de riquezas e poder e, impiedosamente, suprimindo aqueles que ficam no seu caminho auxiliados pelos homens ricos das nações famintas que dão o seu lance. Os outros servem e sofrem.*

Isso é Chomsky no livro *Novas e velhas ordens mundiais*<sup>15</sup>. Agora, o que eu pergunto é, isso mudou na contemporaneidade tecnológica? O poder do capitalismo ocidental, por meio de armas, dinheiro e mídia, se mantém, mesmo considerando a emergência da China? Isso tem a ver, evidentemente, com a questão do trabalho que existe no mundo da relação capital e trabalho.

#### MÁRCIO POCHMANN

#### **Algumas questões: armas de fogo; meio ambiente e consumismo; indústria cultural...**

Muito bem. Obrigado pela consideração e questionamento. Isso é quase, diria assim, outra exposição. Mas também não vou mandar um Twitter, vou argumentar. Mencionei na exposição que acreditava que o projeto de modernidade ocidental havia, de certa maneira, encontrado seus limites. Isso porque a base pela qual o projeto de modernidade ganhou dimensão no mundo é justamente através de três elementos muito simples. O primeiro é a arma de fogo, ou seja, a descoberta da arma de fogo. A transformação da pólvora

15 *NOVAS E VELHAS ORDENS MUNDIAIS*  
NOAM CHOMSKY  
Scrítica Editorial, São Paulo, SP, 1996.

branca chinesa em pólvora escura permitiu que aquilo que os chineses utilizavam como entretenimento, um inofensivo foguete de festas, fosse transformado em uma arma de fogo que deu superioridade aos exércitos ou as armadas ocidentais. Há autores que identificam, inclusive, que, se não fosse a arma de fogo, dificilmente portugueses, espanhóis, ingleses, holandeses, franceses teriam ocupado os impérios que aqui existiam no continente americano.

O período pré-1500 ainda está pouco conhecido, mas há um esforço de antropólogos, estudiosos, para melhor entender, porque todo o passado foi, de certa maneira, ocultado pelos colonizadores que aqui vieram. Mas há registro que a antiga cidade que ocupava a atual capital no México chegou a ter 250 mil habitantes. Isso era uma população superior à maior cidade europeia da época, Paris. Então, tínhamos aqui cidades urbanas com maior dimensão do que Paris. Tínhamos o Império Inca, cuja base, a extensão territorial, comparava-se ao Império Romano.

O que possibilitou a submissão desses povos originários foi a presença da arma de fogo, um diferenciador, um desequilíbrio, e que a guerra, a arma de fogo, segue sendo, nos dias de hoje, um dos elementos fundantes do próprio dinamismo da riqueza no capitalismo. Ocorre que a aceleração do uso de armas do complexo industrial militar está limitada porque, desde 1945, com a descoberta da bomba atômica, surge um instrumento que, se utilizado, pode levar a uma destruição de parte importante da humanidade.

Então, não há mais condições de continuar explorando esse elemento fundamental da modernidade, que é a guerra. Apesar de tudo, estamos com o registro de 17 conflitos armados, 17 guerras no mundo. Não é só Palestina, Israel, Ucrânia, Rússia, são 17 conflitos. A guerra continua ainda sendo um elemento, mas ela, eu diria assim, tem seus limites do ponto de vista que não se pode usar todo o armamento que é produzido.

O segundo item é a questão da relação da natureza com a humanidade. Vários estudos de-

monstram que não é mais possível seguirmos no mesmo padrão de consumo e de produção. É preciso mudar isso. A questão é que, do ponto de vista prático, a natureza não tem mais como comportar esse mesmo padrão de consumo. Mas, em vez de haver uma racionalidade em relação à mudança, é plenamente possível nós todos, como humanos, vivermos muito bem com muito menos. É a ideia do consumismo, a ideia do valor que a gente precisa ter casas amplas que possam ter espaço para colocar todos os eletrodomésticos, todos os equipamentos e maquinários que dizem que a gente precisa ter. Nosso guarda-roupa está repleto de roupa, mesmo que a gente não use, mas vai que um dia precisa. Nossas casas se transformaram em depósitos. Verdadeiramente, não há necessidade desse padrão de vida. É possível ter um modo de vida mais simples. Mas isso não é uma decisão simples de ser realizada, mas devemos considerar que os limites para o uso da natureza, me parece, já estão muito claros.

Entendo também que outro item importante que é, digamos assim, talvez seja mais a sua área, Fer-

nando, é em relação à indústria cultural, que é, de certa maneira, o mecanismo pela qual verdades são estabelecidas e consciências são formadas a respeito de uma interpretação da realidade. Penso que, com a internet, com as redes sociais, a mídia tradicional está ficando cada vez mais envelhecida e com dificuldades de ter o mesmo papel que teve no passado.

Estou dizendo muito rapidamente para apenas levantar aspectos da sua pergunta tão importante. Penso que o capitalismo ocidental, em função do passado pelo qual se fundamentou, tem grande dificuldade de seguir nesse sentido.

Não se sabe muito bem o que será essa modernidade que vem do Oriente. A China, por exemplo, é um país socialista-capitalista. Obviamente que a China tem um modelo muito diferente do que era a União Soviética. No período da Guerra Fria<sup>16</sup>, de 1947 a 1991, não tínhamos o que temos hoje, por exemplo, entre os Estados Unidos e a China. Chineses estudam nos Estados Unidos, os estadunidenses estudando na China, o comércio entre

16 A **Guerra Fria** foi um dos grandes eventos da segunda metade do século XX, sendo responsável pela polarização do mundo entre Estados Unidos e União Soviética.

A Guerra Fria é o nome que damos ao conflito político e ideológico que se estendeu do final da década de 1940 até o ano de 1991. Esse acontecimento teve como protagonistas os Estados Unidos e a União Soviética, países que representavam duas ideologias distintas que eram o capitalismo e o socialismo, respectivamente.

A Guerra Fria impactou de diversas maneiras o mundo, ao longo do século XX, e resultou em disputas nos campos científico, econômico, esportivo, bélico, além da clara disputa política e ideológica. Ao longo desse conflito, a rivalidade e a disputa geopolítica levaram à deflagração de uma série de conflitos em outras partes do planeta.

UOL / BRASIL ESCOLA 03.05.2024

<https://brasilescola.uol.com.br/guerras/guerra-fria.htm>

WIKIPEDIA 03.05.2024

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_Fria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Fria)

os dois países envolve inclusive parceria tecnológica. Isso não havia entre o modelo soviético e os Estados Unidos.

Por outro lado, do ponto de vista comercial, a China vem ocupando espaço, vem superando as antigas e grandes potências e até faz sentido se pensar uma espécie de emergência do Sul Global, contestando o Norte Global. Estamos vivendo um período de transição em que me parece que os constrangimentos do capitalismo são ainda muito grandes e ele tenta se reproduzir em bases que são muito frágeis. Mesmo a financeirização da riqueza que faz com que hoje os ativos sejam muito mais vezes a realidade da riqueza. O título público, o título privado, por exemplo, não é riqueza, é um direito à riqueza, é um papel que diz que você tem tanto. Mas esse tanto, para você se manifestar, você tem que comprar alguma coisa, automóvel, carro, terra: mas se você tirar todo esse dinheiro de sistema financeiro e querer converter em algo concreto e material, ele não existe. São questões, de certa maneira, profundas, não há soluções de curto prazo, mas apenas para

responder: acho que há limites, sim, importantes, no capitalismo ocidental.

FERNANDO RIOS

Obrigado.

LEONARDO TREVISAN

Fernando, quer usar o seu direito de réplica?

FERNANDO RIOS

Não, não, está bom. Venho mais tarde falar um pouquinho sobre trabalho, mas daqui a pouco...

LEONARDO TREVISAN

**Como se pode constatar, o século XIX foi um século britânico, o XX foi um século americano, o XXI será um século asiático.**

...alguém gostaria de fazer alguma pergunta? Mais alguém gostaria de fazer alguma pergunta? Não? Então, tenho uma observação aqui para o Márcio que acho que é interessante. Gostei muito dos quatro eixos que ele manifestou, mas me chamou muito a atenção, e acho que concordo inteiramen-

te contigo, Márcio, que há um deslocamento do eixo geopolítico, do eixo econômico, do Ocidente para o Oriente e há uma constatação de que o século XXI será um século asiático. Assim como se pode constatar que o XIX foi um século britânico, o XX foi um século americano, o XXI será um século asiático. Acho que essa constatação, Márcio, talvez ela tenha sido importante, mas acredito que é um pouco incompleta, porque percebo que o século é asiático, sim, mas, o mais interessante, e eu gostaria de te ouvir sobre isso, é que deixamos de lado até a ideia de unipolaridade, acabada após a derrocada da União Soviética.

Deixamos de lado também a ideia da bipolaridade. Não é bem bipolar, porque você olha para o que estava acontecendo e diz que é China versus Estados Unidos, mas não é bem assim. Temos aí uma situação multipolar e uma situação multipolar que alcança todos os níveis. Vou dar apenas um exemplo: Índia. Basta a gente pensar nesses termos para ver que o mundo tem outras nuances.

Penso, por exemplo, nas mudanças que a mais

recente reunião do G20 demonstrou. Países do tamanho do Brasil, da Indonésia, tiveram uma preponderância nunca vista nas discussões do G20. Não sei, Márcio, como é que você vê entre esses seus quatro eixos, que acho tão interessante, primeiro esse eixo geopolítico, a transição climática, o avanço para a era digital e esse último traço que você comentou com tanta intensidade e com o qual concordo inteiramente, a questão demográfica.

Isso também me chama a atenção. Vejo no meu bairro as escolas morrerem. E não só as escolas públicas, as escolas privadas, pequenas, do bairro, morrendo. Morrendo por falta de crianças. Isso tem um quadro completamente diferente. Essa multipolaridade alcança o mundo inteiro. Observe, por exemplo, que a China enfrenta os mesmos problemas demográficos que o Brasil, até mais intensos. Quando olhamos para esse quadro, quando a gente tenta desenhar o futuro, esse desenho do futuro passa por uma multipolaridade que se cruza com essas suas quatro dimensões. O que você acha disso? Como é que você vê isso?



MÁRCIO POCHMANN

**A impressão que tenho é que nós estamos vivendo um período, guardada a proporção, parecido entre 1914 e 1945, ou seja, um mundo sem ainda um rumo próprio com possibilidades diferentes.**

Também uma ótima questão e de difícil resposta. Vou reagir, Leonardo.

A impressão que tenho é que o fim da Guerra Fria, final dos anos 1980 e início dos anos 1990, abriu a ideia, o horizonte, de que poderíamos viver novamente um ciclo equivalente ao que foi o segundo Pós-Guerra, uns anos dourados do capitalismo, porque, com o fim da Segunda Grande Guerra Mundial, quando se destruíram, digamos assim, as potências da época vinculadas ao nazifascismo. Abriu-se uma grande possibilidade de reconstrução europeia e de reorganização do mundo pelo comércio, pela cooperação monetária, inclusive.

O fim da Guerra Fria abriu, justamente, a ideia de que entraríamos no novo ciclo de expansão. Inclu-

sive, os republicanos conservadores dos Estados Unidos desenharam um projeto que o século XXI seria o novo século dos Estados Unidos. Havia uma aposta, na verdade, que o fim da Guerra Fria nos levaria a um padrão, um desenvolvimento, talvez, comparável ao que foi o segundo pós-guerra, com o fim do nazifascismo.

O fato é que isso não ocorreu, penso eu. Aconteceu o fracasso da unipolaridade que vinha sendo conduzida pelos Estados Unidos. E o que temos hoje é algo similar ao que ocorreu entre 1914 e 1944, 1945, que foi um período em que a paz britânica, os cem anos de paz, de 1815 a 1914, o fim das guerras napoleônicas, até a Primeira Grande Guerra Mundial, permitiu que a Inglaterra conduzisse, quase unilateralmente, o mundo em determinadas convergências.

A Primeira Grande Guerra Mundial, praticamente, destacou a incapacidade de a Inglaterra conduzir e exercer seu papel, uma espécie de decadência da hegemonia inglesa. E ficamos diante de duas grandes guerras mundiais, até novamente abrir

um sentido de convergência entre os países pela construção do *Plano Marshall*<sup>17</sup>, em 1947, e o *Acorde de Bretton Woods*<sup>18</sup>, em 1944, que reorganizou econômica, financeira e comercialmente o mundo.

A impressão que tenho é que estamos vivendo um período, guardada a proporção, parecido entre 1914 e 1945, ou seja, um mundo ainda sem um rumo próprio com possibilidades diferentes. Acho que há uma aposta nos BRICS<sup>19</sup>, agora nos BRICS + (Plus), com aumento de mais de seis países. Há uma aposta da China que faz o seu Plano Marshall equivalente aos Estados Unidos, mas em maior proporção, que é o programa da Nova Rota da Seda<sup>20</sup>, por exemplo, que envolve mais de 150 países.

São modelos que estão em disputa. Acredito que a ordem mundial estabelecida com o fim da Segunda Guerra Mundial hoje não quer dizer mais nada. As Nações Unidas têm grande dificuldade de conviver com uma realidade hoje que é muito mais fragmentada do ponto de vista da capacidade de imposição de interesses.

Hoje mesmo tivemos a decisão do Conselho de Segurança da ONU em relação à proposta brasileira de ter um intervalo de paz para permitir que se organizasse o contexto do conflito na região de Gaza e, de 15 países, acho que foram 13 que votaram favorável à proposta brasileira, mas o veto dos Estados Unidos foi suficiente para inviabilizar um programa de passe.

Vejo com dificuldade essa multipolaridade, justamente nesse contexto em que você tem uma mudança de época, de ter um país ou alguns países com protagonismo, embora isso seja objeto de disputa. Você mencionou, nessa reunião do G20, dois países que eram praticamente muito frágeis, Índia e Brasil, sem importância relativa, mas o Brasil será, a partir de dezembro, o presidente do G20. O Brasil está tendo um protagonismo jamais conhecido (a não ser as participações de Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, mas eram participações individuais). Acho que há uma presença crescente do Brasil nesses fóruns internacionais com medidas muito pragmáticas, medidas que fogem do radicalismo que hoje está, em grande parte,

<sup>17</sup> O **Plano Marshall** (conhecido oficialmente como **Programa de Recuperação Europeia**) foi o principal plano dos Estados Unidos para a reconstrução dos países aliados da Europa nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial. A iniciativa recebeu o nome do Secretário de Estado dos Estados Unidos, George Marshall. Os estadunidenses deram ajuda econômica em valores que variam, a depender das fontes utilizadas, entre 12,6 bilhões a 14 bilhões de dólares na época, o equivalente a cerca de 100 bilhões de dólares em 2018, ajustado pela inflação. Este montante, deflacionado para 2020, corresponderia a cerca de 132 bilhões de dólares.

**WIKIPÉDIA 01.04.2024**

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Plano\\_Marshall](https://pt.wikipedia.org/wiki/Plano_Marshall)

<sup>18</sup> **Acorde de Bretton Woods** Em julho de 1944, ainda no contexto da Segunda Guerra Mundial, representantes de 44 países reuniram-se em Bretton Woods, cidade estadunidense de New Hampshire, para a Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas, popularmente conhecida como Conferência de Bretton Woods. O objetivo dos Estados ali reunidos era a reformulação do sistema financeiro global, afetado pela guerra e ainda debilitado pela Grande Depressão. Os acordos então definidos estabeleceram os pilares financeiros do sistema pós-guerra, sendo alguns deles imperantes até os dias de hoje. Em primeiro lugar, foi criado um sistema monetário internacional, pautado no padrão ouro-dólar. O acordo de Bretton Woods definiu que cada país deveria a manter a taxa de câmbio de sua moeda "congelada" ao dólar, com limite de variação de cerca de 1%. A moeda estadunidense, por sua vez, estaria ligada ao valor do ouro em uma base fixa, com cada dólar equivalendo a 35 gramas de ouro. Tal padrão, no entanto, deixou de existir em 1971 e se introduziu a flutuação das moedas, tendo como referência, mais uma vez, o dólar. Além disso, para os países participantes, Bretton Woods foi a primeira tentativa efetiva de criação de instituições internacionais com o objetivo de prevenir conflitos após a Segunda Guerra. Foi a partir dessa conferência que se originaram o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), atualmente denominado Banco Mundial. As duas instituições permanecem ativas.

**RI USP EMPRESA JR 03.05.2024**

<https://riuspjr.com.br/os-acordos-de-bretton-woods/#:~:text=0%20acordo%20de%20Bretton%20Woods,a%2035%20gramas%20de%20ouro>

<sup>19</sup> O **BRICS+** é um grupo de países de mercado emergente em relação ao seu desenvolvimento econômico. Trata-se de um acrônimo da língua inglesa que é geralmente traduzido como "os BRICS+" ou "países BRICS+". O agrupamento começou com quatro países sob o nome BRIC, reunindo Brasil, Rússia, Índia e China, até que, em 14 de abril de 2011, o "S" acrescido resultou da admissão da África do Sul (do inglês: South Africa) ao grupo. Em 1 de janeiro de 2024, Egito, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos aderiram ao bloco como membros plenos, e assim mudando o nome de "BRICS" para "BRICS+".

**WIKIPÉDIA 01.04.2024**

<https://pt.wikipedia.org/wiki/BRICS>

<sup>20</sup> [...] a **Nova Rota da Seda** (New Silk Road) ou Belt and Road Initiative (BRI), é um conjunto de programas de investimentos chineses, inicialmente focados em infraestrutura, lançado em 2013, pelo presidente Xi Jinping, que constitui uma grande plataforma de aplicação de investimentos em diversos setores produtivos. Provavelmente ele

presente no mundo. Penso que ainda temos que aguardar mais tempo para ver se não vamos cair, de fato, numa guerra de natureza mundial, porque, olhando um pouco a experiência do passado, toda vez que houve o deslocamento de uma grande potência para outra, em geral, isso veio acompanhado de um grande conflito de destruição. Isso tem sido fundamental para o capitalismo: haver destruição pela guerra, porque ele abre novas possibilidades de investimento. Esse capital que está aplicado no sistema financeiro poderia ter uma taxa de retorno maior do que ganha no sistema financeiro, reconstituindo um mundo pós-guerra. Também tem isso a ser considerado. Mas fico por aqui, agradecendo os comentários.

**LEONARDO TREVISAN**

Quero ouvir mais gente perguntando, por favor. Alguma outra pessoa?

**TEREZINHA AZERÊDO RIOS**

**Excluindo a relação capital-trabalho, mas considerando a de débito-crédito, que modalidade nova aconteceria no interior dessa**

## **profissão de professor nas escolas?**

Quero fazer uma pergunta e estou retornando, Marcio, a algo que você estava falando a propósito do trabalho. Nós, anteontem, ao conversarmos com Dora Kaufman e Rodrigo Murta (ambos participaram do terceiro encontro do nosso ciclo), discutíamos sobre a questão de as máquinas, com o avanço da inteligência artificial, substituírem as pessoas e aí se falou em fim das profissões. A Dora dizia que não acreditava nisso. Ela julgava que as tarefas é que passariam a ser automatizadas e, portanto, não haveria uma ameaça às profissões, porque, de alguma maneira, elas continuariam. Só as tarefas repetitivas é que seriam realizadas por robôs. Rodrigo concordou com ela, dizendo que, por exemplo, na nossa tarefa, no nosso trabalho de professores, as máquinas facilitariam o trabalho corrigindo provas, indo buscar mais elementos para a nossa tarefa, e a gente ainda continuaria tendo esse papel. Mas veja que você fala da questão do trabalho imaterial que é esse nosso trabalho de professores e educadores, e que é desvalorizado em função, exatamente de,

resulta de um projeto de globalização com características chinesas e certamente serve aos objetivos de desenvolvimento e segurança do país no longo prazo. Naturalmente, o projeto de integração da Eurásia, sob liderança da China, além de ilustrar a redistribuição de poder mundial desde a década de 1970, gera tensionamentos com os Estados Unidos e seus aliados. Como evidência dessas disputas, os países do G7, em reunião de cúpula em junho de 2021, anunciaram a criação de um projeto "rival" da BRI, conhecido como Reconstruir um Mundo Melhor (Build Back Better World - 3BW), cujo objetivo é mobilizar o setor privado para promover investimentos em infraestrutura no mundo em desenvolvimento.

Para conseguir seu intento, e com a finalidade de financiar os projetos BRI, a China mobilizou um grande conjunto de bancos públicos e comerciais. Também criou fundos específicos de financiamento, além de permitir e incentivar a participação de bancos multilaterais de desenvolvimento (BMD). Como resultado, houve também um significativo fluxo de capitais chineses, os quais têm potencial de afetar positivamente as economias hospedeiras dos projetos BRI, ainda que com a presença de contradições e efeitos colaterais desse movimento.

**A NOVA ROTA DA SEDA E A PROJEÇÃO ECONÔMICA INTERNACIONAL DA CHINA: REDES DE FINANCIAMENTO E FLUXOS DE INVESTIMENTO EXTERNO DIRETO (IED) ACESSO 01.04.2024**

MARCO AURÉLIO ALVES DE MENDONÇA

CARLOS RENATO DA FONSECA UNGARETTI LOPES FILHO

JULIANA KELLY BARBOSA DA SILVA OLIVEIRA

Boletim de Economia e Política Internacional - BEPI, n.31, set./dez. 2021.

[https://repositorioipea.gov.br/bitstream/11058/11116/4/bepi\\_31\\_nova\\_rota.pdf](https://repositorioipea.gov.br/bitstream/11058/11116/4/bepi_31_nova_rota.pdf)

[As primeiras] **Rotas da Seda** eram uma série de rotas interconectadas através do sul da Ásia e eram usadas no comércio da seda entre o Oriente e a Europa. Os meios de transporte que rodeavam tais rotas eram as caravanas e embarcações oceânicas que faziam a ligação do Oriente e a Europa. No início, a rota ligava a cidade de Chang'an na China até Antióquia na Ásia menor, porém sua influência foi aumentando chegando até a Coreia e o Japão, formando assim a maior rede comercial do Mundo Antigo. Essa rotas não foram importantes somente para o crescimento e desenvolvimento de regiões e de grandes civilizações como o Egito Antigo, a Mesopotâmia, a China, a Pérsia a Índia e Roma, elas foram importantes também para fundamentar o início do mundo moderno.

**ROTAS DA SEDA ACESSO 01.04.2024**

PEDRO AUGUSTO

Info Escola / Rota Da Seda

<https://www.infoescola.com/historia/rota-da-seda/>

por suposto, não ter um caráter produtivo.

Na perspectiva da economia e levando em consideração isso que Leonardo traz, da diminuição das escolas, da redução do trabalho, eu gostaria que você pensasse junto com a gente o que significa isso do ponto de vista não mais da tal relação capital-trabalho, que é o que você coloca, mas de débito-crédito: que modalidade nova seria isso no interior dessa profissão de professor nas escolas?

MÁRCIO POCHMANN

**Precisamos pensar em outro tipo de escola, escola que seja para a vida toda, uma escola que conecte com os desafios da vida.**

Perfeitamente. Temos questões e considerações cada vez mais profundas, o que identifica a qualidade dos que estão nos acompanhando. De fato, por reconhecer, ou pelo menos a hipótese pela qual eu trabalho, que estamos diante de uma mudança de época, e uma época foi a era industrial, outra está sendo a era digital, é que, de certa maneira, a agenda do trabalho precisa ser vista

com outros olhos.

Durante a era industrial, vamos pegar um pouco o Brasil, que é mais próximo de nós. Até os anos 1930, 100 anos, 90 anos, 80 anos atrás, predominava no Brasil o trabalho agropecuário, trabalho agrícola, que era o trabalho em que as pessoas trabalhavam onde moravam, moravam na fazenda, trabalhavam na fazenda. O trabalho em casa não era separado do trabalho fora de casa, ou seja, alimentar os animais, tirar leite, carpir a lavoura, tudo isso era uma espécie de extensão da própria casa. Não havia separação do trabalho dentro de casa, trabalho fora de casa.

O trabalho já estava presente em idades muito tenras, cinco, seis anos de idade, o filho mais velho ajudando o filho mais moço. Não havia pensão e aposentadoria: as pessoas trabalhavam até morrer. Não tinha jornada de trabalho, começavam a trabalhar quando o sol aparecia e encerravam quando o sol se punha. Embora existisse o relógio, o que organizava a vida era o relógio da luminosidade, era o sol.

Quando passamos a ter uma sociedade urbana e industrial, ou seja, o que vai agora organizar a vida é o ritmo da indústria, ou seja, as pessoas vão morar na cidade, portanto, a partir daí, há uma separação entre o trabalho feito dentro de casa e o trabalho fora de casa. O trabalho feito fora de casa é o trabalho mercantilizado, é o trabalho que é identificado como gerador de valor. Esse trabalho feito fora de casa foi, de certa maneira, a base pela qual se organizaram os sindicatos, partidos políticos, ou seja, uma forte pressão e organização para que esse trabalho fosse reconhecido e valorizado.

E o trabalho feito fora de casa na agricultura, na indústria, na farmácia, enfim, esse trabalho feito fora de casa passou a ter direitos, direitos em relação à jornada de trabalho, direitos exercidos durante um certo tempo e depois possibilitar que a pessoa viva inativamente, tendo aposentadoria. Surgiu um trabalho com jornada, com direitos e é um trabalho masculino, diga-se de passagem. Sei que mais recentemente isso começou a mudar pela presença feminina. Mas essa era industrial gerou uma profunda desigualdade de gênero.

Porque enquanto os homens, de maneira geral, foram trabalhar fora de casa, as mulheres ficaram com o trabalho de casa, o trabalho de cuidado, o trabalho doméstico. E esse trabalho não é identificado, não é valorizado, não é considerado produtivo, embora, se não houver o trabalho em casa, não tiver os serviços, o outro trabalho feito fora de casa também não é realizado. Ambos são superimportantes nesse sentido.

Mas isso significou dizer que não há organização, não há agenda do trabalho de serviços em casa, do trabalho de cuidados. As mulheres, ou alguém que fica em casa lavando louça durante 40 anos, não poderão se aposentar lavando louça em casa. Não ganham, não têm remuneração, não têm sindicato. Mas se alguém for fazer o mesmo trabalho, lavar louça agora no restaurante ou no bar, muda tudo, embora o trabalho seja o mesmo, lavar louça. Mas se isso acontece num restaurante, em tese, a pessoa pode ter o salário-mínimo, pode se aposentar lavando louça em casa, pode ter um sindicato.

Veja, o local onde é exercido o trabalho é que mudou tudo. Pela era digital, o que estamos vendo hoje é um crescimento das possibilidades de trabalho não apenas em um local determinado, local fora de casa, mas também dentro da casa. Isso, de certa maneira, abre uma agenda muito diferente para pensarmos no que era o trabalho tradicional.

Comentávamos anteriormente na exposição que muitos que trabalham exercendo alguma atividade dentro das redes sociais, até não reconhecem o que fazem como sendo trabalho. Dessa forma, para mim, a palavra trabalho precisa ser redefinida diante da forma como se apresenta na era digital. Entendo que, como nós não estamos numa revolução industrial, mas numa revolução informacional, em que os dados e a informação passam a ter um papel como, por exemplo, teve o petróleo há 150 anos, um pouco mais, um pouco menos, hoje nenhuma empresa opera se não tiver dados. Então, os dados, a datificação tornou-se hoje central. E é por conta desta nova realidade que eu diria que tem que se pensar até a própria educação.

Educação! Veja, não havia na sociedade agrária, não havia educação formal. As famílias ricas tinham alguém, contratavam alguém, um monitor, um instrutor para educar os filhos. Educação formal é algo que, de certa maneira, ganha dimensão na sociedade industrial, em que os pais moram na cidade, vão trabalhar, não podem levar os filhos, os filhos vão ficar então em algum outro lugar, que é a escola. E a escola tem um papel de sociabilidade, um papel de transmissão de valores e um papel de preparar para o trabalho, para a disciplina do trabalho. Tanto é que, em tese, uma pessoa, até os 15, 16 anos, não pode trabalhar, só depois de ter passado pela educação. A educação é um ritual de passagem.

Na era industrial, a educação atinge uma parcela muito pequena da população, só crianças, adolescentes e alguns jovens que vão fazer faculdade para virar doutores, delegados, cientistas. A grande maioria não vai chegar a isso. Por que estou chamando a atenção disso? Porque, na era industrial, a educação passa a ser importante para a vida toda. Dada a complexidade da vida,

you think in living 70, 80, 100 years, it means having a life model. What type of nutrition can you have? What type of sleep? You need a life project. E, given the complexity of the industrial era, the idea of education should accompany life, as in the case of large companies, large corporations that have their corporate universities.

This is another horizon to be thought, because the model, in my opinion, of education only for children, adolescents, is a model that is already surpassed. Let's think of another type of school, a school that is for life, a school that connects with the challenges of life. This is not the suppression of work.

Now repetitive work, a person goes to see a doctor, you go to a medical consultation and the doctor says what? "Ah, bring it here." And the doctor: "Then, you go here and do these exams." He sends the person to do exams. After the person comes, they deliver the exams. He compares the exam with some reference, in general, from the United States and says: "Look, you

have this and this, so you take that medicine".

Or, in other words, this is not just a doctor, in fact, he is a reader of exams and this is already surpassed, because the robot does much better. It takes a huge amount of exams, cases, and artificial intelligence, machine learning, the machines give better reports than a doctor can do. Now, a doctor with the ability to know, to talk to the person, to have the perspective of their life trajectory: "How is it that you live, what do you do, what do you eat?" This is another type of profession, a profession in the old sense, that does not seem to be disappearing. But repetitive activities, possibly, will disappear. But this does not mean the end of work, on the contrary, it will continue to be central in human life, as I think.

#### TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, Márcio, pela resposta.

#### LEONARDO TREVISAN

The "centrality of work"<sup>21</sup> is an idea that each of us needs to cultivate, protect the idea

21 Leonardo Trevisan comenta: é muito importante abordar o conceito de "centralidade do trabalho" de André Gorz. Dois livros dele são essenciais:

**METAMORFOSE DO TRABALHO: CRÍTICA DA RAZÃO ECONÔMICA**

ANDRÉ GORZ

Annablume, São Paulo, SP, 1988

**O IMATERIAL: CONHECIMENTO, VALOR E CAPITAL**

ANDRÉ GORZ

Annablume, São Paulo, SP, 2003.

da centralidade do trabalho. Não é só o André Gorz<sup>22</sup>, Márcio. Muita gente precisa pensar nisso.

Outra pergunta? Vamos ouvir mais gente.

#### PAULO GRISE

### Qual será o papel dessas grandes corporações detentoras de todas as informações do mundo na construção do futuro da humanidade?

Marcio, ao longo dessa ótima conversa, você falou que a gente vive uma época de mudança, com necessidade de uma nova política para a construção do futuro. A gente está colocando os nossos dados, como indivíduos, na mão de quatro ou cinco mega, grandes empresas, com um poder econômico enorme e com um impacto sobre a vida de todo o mundo, que é um impacto que a gente já percebe pela própria indicação do que é que eu gosto e do que devo fazer a partir do que elas entenderam que gostei.

Elas, de alguma forma, me robotizam. Mas essas empresas não são obrigadas, como são os go-

vernos e os políticos, os construtores da política, a declarar com clareza quais são as suas intenções, quais são os seus valores e o que eles pretendem construir como futuro, mas elas impactam nisso seriamente.

Essas grandes *big data* sabem mais do que os presidentes dos países, sabem mais do que nós mesmos a respeito do país e de nós mesmos. Qual será o papel dessas grandes corporações detentoras de todas as informações do mundo na construção do futuro da humanidade? O que elas vão nos proporcionar? A que hora o capitalismo vai perceber que sem consumidor não tem capitalismo? Será que eles vão perceber que vão morrer por falta de quem tenha dinheiro para fazer a santa concentração de capital?

#### MÁRCIO POCHMANN

**Penso que estamos vivendo um processo de desmoronamento dos estados nacionais na medida em que eles perdem a sua capacidade mínima de condução de decisões a partir da ausência de informações.**

<sup>22</sup> **André Gorz (Gérard Horst)** (1923 – 2007) foi um filósofo austro-francês, também conhecido pelo pseudônimo Michel Bosquet. Em 1964, como jornalista, ajudou a fundar em 1964 o semanário *Le Nouvel Observateur*. No pós-guerra, apoiou Jean-Paul Sartre em sua versão existencialista do marxismo, mas rompeu com ele após o Maio de 68 e passou a se interessar por ecologia política, da qual tornou-se um dos principais teóricos. Seu tema central foi o trabalho: liberação do trabalho, justa distribuição de trabalho, trabalho alienado etc. Ele também defendeu a renda básica de garantia (ou renda básica de cidadania, que tem, no Brasil, o senador Eduardo Suplicy seu principal defensor). É autor de *Metamorfoses do Trabalho*, obra na qual analisa, entre outras questões, a relação entre o cálculo contábil e a racionalidade econômica.

WIKIPÉDIA 03.05.2024

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9\\_Gorz#Liga%C3%A7%C3%B5es\\_externas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Gorz#Liga%C3%A7%C3%B5es_externas)



O capitalismo é um sistema que produz objetivando retorno da geração de riqueza, de forma quase cega. Deixado, ele vai funcionando, mas é também uma máquina destrutiva. O que me parece absolutamente importante reconhecer, neste início do século XXI, é a debilidade dos estados nacionais, que se perderam na globalização. Nesse sentido, há um enfraquecimento da perspectiva nacional. Concordo quão influentes são essas grandes corporações – poucas, aliás, em geral vinculadas aos Estados Unidos, mas a China também tem as suas corporações. Não é um problema deste ou daquele país. Na verdade, o que está em jogo é um aspecto decisivo para a existência de nações, que é a soberania.

Penso que estamos vivendo um processo de desmoronamento dos estados nacionais na medida em que eles perdem a sua capacidade mínima de condução de decisões a partir da ausência de informações. Isso ocorre em vários setores. No próprio ramo financeiro, decisões são tomadas até mesmo fora do país e adotadas internamente. E o risco, na verdade, é o esvaziamento da demo-

cracia, pelo menos a democracia de massa, que é uma conquista muito recente, porque, até os anos 1920, 1930, o que tínhamos era uma democracia censitária, só votavam, em geral, homens, homens ricos, porque se acreditava que somente quem podia viver de forma independente teria a capacidade de escolher um governante. O dependente, o empregado assalariado, por exemplo, não teria condições de escolher um governante porque ele mesmo era um dependente.

A democracia de massa é uma conquista relativamente recente, mas me parece que há um processo de descrédito muito grande nas possibilidades que a democracia representa e, obviamente, que a emergência dessas grandes corporações em termos de datificação, em termos de capacidade de absorver dados, capturar bancos de dados e, a partir disso, através de algoritmos e da aprendizagem das máquinas, produzir resultados que vão tirando inclusive a autonomia individual, porque esse conjunto de informações capturadas e redesenhadas abre possibilidade de condução das massas, da sociedade, de uma forma que nunca aconteceu.

Comentei que havia limites para a indústria cultural, o cinema, o teatro, a música, a literatura. Hoje essas grandes corporações têm um papel muito fundamental na difusão do conteúdo dessa indústria cultural, porque a capacidade de comunicação *online* permite que notícias e mensagens circulem ultrapidamente em determinados lugares, possibilita que elas estejam generalizadas no mundo. Isso implica a difusão de uma nova ideologia de vida e de consumo.

Não sei se nós, estados nacionais, teremos capacidade de regular essas grandes corporações. Tudo indica que elas continuarão, e se fala, basicamente, que as Nações Unidas estão perdendo importância porque elas compreendem, influenciam, e podem controlar países que já não têm o mesmo poder que tinham antes.

Basta revelar que a partir da 15ª maior corporação transnacional, usando o dado das 500 maiores grandes empresas do mundo, a partir da 15ª, se não falha a memória, o seu faturamento equivale, digamos assim, ao orçamento das administrações

públicas dos principais países do mundo. Já é um imenso poder relativo do setor privado de grande proporção. Vejo com dificuldade o enquadramento dessas corporações.

A título de exemplo contrário do que eu disse é a experiência chinesa que tenta controlar as suas grandes corporações. Mas aquilo lá é possível porque é um único país, um único partido. Eu vejo, com dificuldade, conseguir a mesma capacidade de ação e interação entre os países, os governos no ocidente. Fico por aqui, Paulo, agradecendo a sua questão.

**PAULO GRISE**

Muito obrigado.

**LEONARDO TREVISAN**

Vamos a outra pergunta, deixar o debate fluir. Alguém mais?

**FERNANDO RIOS**

**Alguns estudiosos comentam que há uma semelhança entre as transformações do mundo**

## atual e aquelas que aconteceram entre os séculos XVI e XVIII

Eu queria fazer uma provocação ao Márcio: tenho estudado um pouco o início da modernidade e o Márcio faz uma referência à questão do renascimento e da modernidade. E, apesar de o nosso camarada Marx lembrar que a história não se repete, tenho lido, de uma maneira comparativa, o início de uma nova modernidade com este tempo atual. Vejo que há, na modernidade, naquela que vai do século XVI até o século XVIII, com a Revolução Francesa, uma grande transformação na Europa, que me parece semelhante, tem alguma semelhança com essa mudança da humanidade neste século, neste início do século XXI. Há essa transformação, há uma transferência de poder, essa multipolaridade. Então, a partir daí, eu gostaria de ouvir do Márcio sobre a questão não só da emergência da Índia, mas também da emergência da África e, por extensão, de alguma forma, da América Latina. São essas partes do mundo que estão interferindo no cenário global. Como é que você vê isso, Márcio?

MÁRCIO POCHMANN

## O deslocamento do centro dinâmico do mundo para o Oriente pode apontar uma nova normalidade

Olha, eu penso da perspectiva do Brasil. Temos pouco para aprender, tanto da Europa, sobretudo ocidental, e nos Estados Unidos. Penso que a Europa está se transformando em uma espécie de museu: é importante ver as coisas bonitas do passado, mas quase nada do futuro. E dos Estados Unidos, pelo conflito interno, às vezes, fico pensando que é um país que se aproxima de uma espécie de hospício, que não tem muita viabilidade como experiência para nós continuarmos seguindo.

Mas nós, no caso brasileiro, somos uma nação muito fiel ao modelo de consumo e cultural dos Estados Unidos. Vamos precisar, identifico, uma transformação muito grande dos currículos, inclusive, de ensino, porque a nossa educação, basicamente, se sustenta na perspectiva eurocentrista de que praticamente a filosofia, o conhecimento, proveio da antiga Grécia. Sabemos que havia

filósofos aqui no continente americano, entre os indígenas, por exemplo. Esse autor importante brasileiro, Ailton Krenak<sup>23</sup>, por exemplo, que está alçado à Academia Brasileira de Letras, é um filósofo, com outra modalidade de aprendizagem, de expectativa, de conhecimento.

Quando a gente olha para o Oriente, óbvio que havia filósofos na China, na Índia e coisa que nós absolutamente desconsideramos, desconhecemos, parecendo que tudo tivesse começado na Europa. Pode ser que esse deslocamento do centro dinâmico do mundo para o Oriente possa apontar uma nova normalidade, ou seja, o mundo está voltando ao que era normal há 500 anos antes, em que a China e a Índia eram, digamos assim, o centro do mundo, porque, até 1800, quando o mundo tinha um bilhão de habitantes, 350 milhões de pessoas residiam onde eram os antigos Impérios Indus e na China. Precificados os valores pelos historiadores, esse um terço da população que vivia nessa região, produzia 55% da produção do mundo. Então, isso é antes de 1500, e agora, aparentemente, estão voltando para essa mesma realidade. Países como o nosso, obviamente, e

você lembrou aqui da África também, precisarão, na verdade, se desocidentalizar se quiserem ter uma visão mais profunda e adequada das suas próprias possibilidades. Mas é isso.

**FERNANDO RIOS**

Maravilha. Obrigado. Muito bom.

**LEONARDO TREVISAN**

Muito bom. Terezinha, gostaria de completar a sua pergunta?

**TEREZINHA AZERÊDO RIOS**

**A filosofia não tem um lugar de origem, ela tem elementos de origem que são a curiosidade, a dúvida.**

O Márcio faz referência à filosofia e, em geral, o que falamos é que, para falar em filosofia, a gente tem que ir à Grécia, mas talvez apenas por causa da origem etimológica da palavra que liga filia a sofia, porque, muito antes, já tínhamos, como o Márcio disse, esse pensamento organizado. A filosofia não tem um lugar de origem, ela tem ele-

23 **Ailton Alves Lacerda Krenak** (1953), mais conhecido como Ailton Krenak, é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor brasileiro da etnia indígena krenaque e imortal da Academia Brasileira de Letras. Principais livros: *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*; *O Amanhã Não Está à Venda*; *A Vida Não é Útil*.

mentos de origem que são a curiosidade, a dúvida. Tivemos, no nosso primeiro ciclo – moralidades, amoralidades, imoralidades<sup>24</sup> –, quando fazíamos a pergunta sobre a moral ter nascido no ocidente ou no oriente, uma contribuição muito rica do professor Renato Nogueira<sup>25</sup> do Rio de Janeiro. E ele chama a atenção, exatamente, para esse engano que a gente tem quando acha que a certidão de nascimento da filosofia é na Grécia. Fazendo referência aos pensadores africanos, exatamente, e a toda uma variedade de olhar crítico, como o Márcio colocou, dos povos ancestrais aqui na América. Então, acho importante mesmo essa marca que se faz no sentido desse convite que ele nos traz para a gente desocidentalizar...

**LEONARDO TREVISAN**

Desocidentalizar.

**TEREZINHA AZERÊDO RIOS**

Isso, desocidentalizar. E é exatamente nesse sentido que a gente tem outras propostas, como a de pensar no Sul ao invés do Norte, pensar no Oriente ao invés do Ocidente. Obrigada, Márcio.

**LEONARDO TREVISAN**

Marcio, quer falar alguma coisa? Alguma pergunta mais?

**FERNANDO RIOS**

Agora a sua pergunta, Leonardo.

**LEONARDO TREVISAN**

**Este mundo no qual estamos vivendo, esta fase nova que você apontou, tem mais jeito, tem mais cara, tem mais estilo de 1913 ou de 1946?**

Tenho uma pergunta para o Marcio. Ele me fez pensar muito. Ele comentou, fez uns cortes cronológicos que me chamaram muito a atenção. Você colocou 1914 e 1945 nesse tempo, como um tempo, a construção de um período. Eu acabo de ler um livro... o nome dele é *1913*<sup>26</sup>. A curiosidade do livro é ele levantar, mês a mês de 1913, o que estava acontecendo. Eu fiquei um pouco preocupado, viu, Fernando, quando terminei de ler o livro. Dá um frio na espinha. Quero fazer uma pergunta levando em consideração a sua experiência de economista e professor, que viveu já várias situações.

**24 MORALIDADES, AMORALIDADES, IMORALIDADES: CONVERSAS SOBRE ÉTICA**

[Vol. 1 - A Moral é ocidental? - Tudo começou na Grécia...? Renato Janine Ribeiro](#)

[Vol. 2 - A Moral é branca? - Tudo começou sem melanina...? As Morais negras, as Morais indígenas... Renato Nogueira](#)

[Vol. 3 - A Moral é masculina? - Tudo começou com Adão...? As Morais femininas, LGBT, queer... Halina Macedo Lea](#)

[Vol. 4 - A Moral é burguesa? Tudo começou com o patrão...? A Moral da classe trabalhadora. Ricardo Antunes](#)

[Vol. 5 - Ética e Ciências. O objetivo da investigação científica, os métodos. As especificidades das ciências: exatas, biológicas, humanas. bioética. Christian Dunker](#)

[Vol. 6 - Ética e religiões: as manifestações religiosas na contemporaneidade. Os fundamentalismos. Nilton Bonder](#)

[Vol. 7 - Ética e Artes. O belo e o bem. O gesto criativo. A reflexão estética. Lazer/ludicidade. Eliane Potiguara](#)

[Vol. 8 - Ética e Educação. A Educação como construção da humanidade. A instituição escolar. As políticas educacionais. Desafios e perspectivas. Branca Jurema Ponce e André Luiz dos Santos](#)

[Vol. 9 - Ética, Moral, Educação. Conversas sobre o ciclo. Home-nagem ao professor Roberto Romano. Branca Jurema Ponce e André Luiz dos Santos](#)

**25 Renato Nogueira** nasceu no Rio de Janeiro em 1972.

Residente em Duque de Caxias, RJ, é Professor de Filosofia do Departamento de Educação e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (LEAFRO) e do Laboratório Práxis Filosófica de Análise e Produção de Recursos Didáticos e Paradidáticos para o Ensino de Filosofia da UFRJ. Possui doutorado, mestrado e graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Suas investigações se concentram em: ensino de Filosofia e os conteúdos obrigatórios de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena; Ética, Política e Subjetividade, tratando especificamente de racismo, biopoder, devir negro e diferença, nas filosofias de Foucault e Deleuze; e Literatura, Musicalização e Relações Étnico-raciais na Educação Infantil e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

**GOV BR / LITERAFRO 02.04.2024**

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/399-renato-nogueira>

**26 1913 ANTES DA TEMPESTADE**

FLORIAN ILLIES

Editora Estação Liberdade, São Paulo, SP, 2016.

Este mundo no qual estamos vivendo, esta fase nova que você apontou, tem mais jeito, tem mais cara, tem mais estilo de 1913? Ou ele tem mais estilo de 1946? De um plano Marshall sendo gestado? Está com cara de que vamos viver alguns anos dourados ou nós estamos com uma cara mais, Marcio, de 1913, em que potências mostram os dentes antes de se morderem? O que você acha? 1913 ou 1946?

MÁRCIO POCHMANN

**Você tem 1946, 1947, que é o Plano Marshall. Atualmente, os chineses estão escolhendo seus aliados, assim como os Estados Unidos fizeram.**

Ainda bem que o tempo já está se esgotando, porque as perguntas estão cada vez mais difíceis. Obviamente, isso aqui é um diálogo entre pares, não é um diálogo entre professor e aluno, estamos aqui entre iguais. Pois é, acho que o principal papel de quem estuda é multiplicar suas reflexões e trazê-las para que os outros também se sintam estimulados a refletir, porque até um dos resultados da própria era digital é a perda de capacida-

de de reflexão. Somos bombardeados por muitas informações e vamos desaprendendo o uso do cérebro, deixando-o ficar somente nas superfícies.

A reflexão é um ato, um exercício fundamental para quem, obviamente, quer sair da mesmice à qual estamos submetidos. Até testes mais recentes de QI apontam, infelizmente, que a juventude que emerge, em alguns segmentos, tem um QI inferior ao de seus pais. A reflexão, realmente, é o momento, a curiosidade é aquilo que nos atualiza. Alguém disse que a velhice chega quando a gente perde a curiosidade. A curiosidade é a nossa alma jovem. Especialmente, em torno desses dois anos, de 1913, 1914 e 1946, 1947. Penso que há os dois elementos. Você tem 1946, 1947, que é o Plano Marshall. Atualmente, os chineses estão escolhendo seus aliados, assim como os Estados Unidos fizeram, diga-se passagem: o Plano Marshall foi direcionado, não foi para todos os países, e sim para alguns países.

Por exemplo, como deveriam ser os países para ter acesso aos recursos do Plano Marshall de 1947 a 1953? Havia, pelo menos, duas condicionalida-

des: o país não podia ter a presença de partido comunista na gestão. A Itália, em 1946, tinha um governo com participação comunista: ela desfez essa coalizão para poder ter acesso aos recursos vindo dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, o Plano Marshall exigia que a parte da reconstrução fosse feita com a presença de empresas dos Estados Unidos, que era o movimento de internacionalização da grande empresa americana.

Penso que os chineses fazem algo parecido em uma escala muito maior. Então, assim como os Estados Unidos escolheram os países europeus, o Japão, parte da Coreia, para os seus parceiros mais próximos. A China está fazendo isso também. Eu não vejo, no caso latino-americano, esse mesmo movimento. É inegável a presença chinesa em termos de investimento, de comércio, mas para mim não está muito claro o papel da América Latina dentro desse desabrochar chinês.

LEONARDO TREVISAN

**Os chineses fizeram um Plano Marshall muito maior do que o dos americanos.**

Fico preocupado porque um país, o Brasil, nunca teve isso ao longo de sua história inteira: 35% das exportações brasileiras são para um freguês só. No caso argentino, com as operações de swap cambial, com a China, com o yuan, de alguma forma, a Argentina é hoje quase um enclave chinês, entraram a força. Entraram aqui também. Isso para não falar de Peru, de Colômbia. Eles entraram aqui também. Complementando o que você está dizendo, você tem toda razão. Os chineses fizeram um Plano Marshall muito maior do que o dos americanos. Você tem razão. Muito maior.

MÁRCIO POCHMANN

O que eles apresentaram até agora, diferentemente, dos Estados Unidos e da Inglaterra, é o potencial militar. Eles vêm, na verdade, ganhando dimensão pelo lado do comércio e do investimento, mas, eu diria, o aspecto militar ainda não é muito conhecido.

LEONARDO TREVISAN

**O mundo militar chinês é mais para a proteção da casa deles e funciona.**

É exatamente isso que você está dizendo que é interessante. Os chineses, contudo, estão trabalhando em absoluto silêncio. Vários militares americanos já perceberam que, se os Estados Unidos operassem uma guerra apenas convencional com os chineses, no contexto da Ásia, do mar do sul da China, eles perderiam. Para ganhar, precisariam usar armamento nuclear, porque a China construiu ilhas artificiais que funcionam como enormes porta-aviões. É uma coisa que a gente olha e fala, "Meu Deus". Você tem razão. Mas o mundo militar chinês é mais para a proteção da casa deles e funciona.

MÁRCIO POCHMANN

**Desde o final da recessão de 1896... a Inglaterra foi ficando cada vez mais com o papel da City, o papel financeiro, algo que vem acontecendo com os Estados Unidos.**

Tem uma dinastia chinesa, não vou lembrar se é Ming, que teve uma grande proeminência na exploração de outras regiões. Faziam barcos que, comparados aos barcos portugueses, eram várias

vezes superiores e chegaram a vários locais. Há indicações que vieram até aqui na América, no Brasil. Não há comprovação, mas há especulação. Este é o detalhe: na verdade, eles não tinham o caráter de colonização. Era um caráter mais de comércio... Eram comerciantes, exatamente, comerciantes tentando ver outras possibilidades.

Há estudiosos que dizem que um país que atua somente pela lógica comercial dificilmente dominará o mundo. A China não tem a base militar, não tem a base monetária, não tem essa indústria cultural ainda por conta da barreira linguística. Assim, há muitas dúvidas em relação a essa condicionalidade de um Plano Marshall chinês permitir que ele exercesse o papel que os Estados Unidos exerceram. Mas, por outro lado, também há sinais de 1913. Eu não li esse livro, mas, na verdade, o prenúncio de um conflito multinacional já está validado. A dificuldade britânica, por exemplo, o enfraquecimento britânico, porque o que aconteceu é que a Inglaterra, desde o final da recessão de 1896... a Inglaterra foi abandonando seu parque produtivo e inovação e ficando cada vez mais



com o papel da City, o papel financeiro.

Guardada a devida proporção, é algo que vem acontecendo com os Estados Unidos. A preferência pelas resoluções de Wall Street, do papel do Banco Central, a valorização do câmbio, alta taxa de juros, isso estimulou grande parte do empresariado dos Estados Unidos a se deslocar para outros países, sobretudo a China. Então, os Estados Unidos foi se enfraquecendo do ponto de vista econômico. É uma potência ainda, é claro, mas a sua moeda vem perdendo força, fala-se que esta década de 2020 é uma década na qual o dólar perderá, de fato, a sua hegemonia, e os Estados Unidos vão ficando apenas com a força militar: mas a força militar depende de orçamento. Se o país cresce pouco, o orçamento não aumenta, não tem como financiar a arte da guerra. Vejo que temos aqui os dois elementos, mas não sei qual e se terá a premência.

LEONARDO TREVISAN

**Os impérios declinam exatamente quando imaginam que podem ser só comerciais.**

A tua palestra foi cheia de contribuições, mas esta última me chamou a atenção. Sem você perceber, você fez uma descrição muito interessante sobre o declínio dos impérios... e numa descrição de economista. Muito interessante. Os impérios declinam exatamente quando imaginam que podem ser só comerciais.

Amigos, alguma pergunta mais para o nosso convidado? Estamos chegando ao final. Meus caros, eu queria agradecer, acho que é meu papel aqui, agradecer ao nosso convidado, o Márcio Pochmann, que, de fato, trouxe uma contribuição muito interessante para um debate sobre a compreensão da modernidade, para entendermos, de algum modo, o que está acontecendo com a nossa mudança de mundo digital e, principalmente, fazendo aquele traço de qualificar o tipo, o formato do futuro que nos espera. É uma contribuição, sem dúvida, muito rica. O meu papel aqui de mediador é também o de agradecer, Terezinha. Então, de alguma forma, precisamos agradecer a essas duas horas tão interessantes, tão produtivas de ouvirmos o Márcio. Muito obrigado, meu

caro. Muito agradecido pela tua atenção, Márcio.

#### MÁRCIO POCHMANN

Eu agradeço a oportunidade.

#### TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Márcio, quero agradecer também, agradecer a você, Leo, por essa mediação boa que fez, agradecer a todas as pessoas que estiveram aqui conosco e convidar para a leitura do próximo texto, quando a gente vai dar sequência à conversa, abordando um tema que está aí nos provocando e que a gente passou por ele, às vezes, meio lateralmente, mas que vai ser objeto de uma discussão mais aprofundada, de uma reflexão. Que é, exatamente, a questão do amor e da vida, do ódio e da morte, da guerra e da paz. A pergunta que a gente colocava era: "Depois de ensinarmos sentimento aos robôs, o que eles vão ensinar para a gente?" É possível uma indústria tecnológica pacifista efetivamente? São essas as questões que nos provocam.

Muitíssimo obrigada. Bom descanso, Márcio. Você

que nos aguentou até quase duas horas da manhã. (Márcio Pochmann estava na Suíça)

Boa noite para todo mundo. Grande abraço.

#### JULIANA SANTOS

Boa noite. Obrigada. Agradecemos também em nome do Centro de Pesquisa e Formação, CPF do Sesc São Paulo.